

Universidade da Beira Interior
Unidade de Ciências Sociais e Humanas

3º Ano / 2º Semestre

2009/2010

**Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de
Gays e Lésbicas**



Discente:

Fabiana Vicente nº 21369

Diana Figueira nº 21388

Sofia Ramos nº 21436

Docente:

Professora Dr.^a Catarina Sales

Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas.



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Sociologia

Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de
Gays e Lésbicas

Licenciatura em Sociologia

Desenvolvimento de Projecto

(3.º Ano / 2.º Semestre)

Fabiana Vicente nº 21369

Diana Figueira nº 21388

Sofia Ramos nº 21436

Covilhã, 27 de Junho de 2010



Resumo

O seguinte projecto apresenta em análise a percepção dos homossexuais relativamente à homossexualidade tendo por base a percepção que a sociedade lhes transmite.

Para uma melhor percepção alguns dos temas abordados incidem sobre a doação de sangue, o casamento gay, a adopção de crianças e a SIDA.

Na investigação empírica, obtivemos a participação e testemunhos de membros das redes locais de Lisboa e Évora pertencentes à rede ex aequo.



Índice

1. Introdução	5
2. Objecto e Objectivos de Estudo	7
3. A Sociedade e a Homossexualidade	8
3.1. O que é a Homossexualidade?	9
3.2. Diferenciação entre Homossexualidade e Heterossexualidade	12
3.3. Atitude da Sociedade perante a homossexualidade	13
4. Associativismo e Homossexualidade	17
4.1. Associações Homossexuais existentes	17
4.2. A rede ex aequo	19
4.2.1. Surgimento	19
4.2.2. Projectos	20
4.2.3. Finalidade	21
4.2.4. Impactos Sociais	23
5. Caracterização sócio-demográfica das zonas a estudar	24
5.1. Zona de Évora	24
5.2. Zona de Lisboa	25
6. Modelo de Análise	27
7. Metodologia Utilizada	32
7.1. Tipo de Amostra	32
7.2. Papel do Investigador	33

Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas.



7.3. Técnica de Investigação	34
8. Análise de Dados	35
8.1. Palestra <i>rede ex aequo</i>	35
8.2. Inquéritos por Questionário	38
9. Reflexão metodológica	57
10. Síntese Final.....	59
Bibliografia	64
Anexos	68



1. Introdução

O presente trabalho insere-se no âmbito da disciplina de Elaboração de Projecto, 1º semestre com continuidade em Desenvolvimento de Projecto, no 2º semestre tratando-se do projecto final de 3º ano de licenciatura do Curso de Sociologia.

Tem por tema, as Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo: Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas.

Segundo alguns autores, nomeadamente Emanuel Palhano (2002), o início de uma nova era trouxe mudanças para a sociedade no que respeita a direitos mais transparentes aos olhos comuns dos cidadãos.

Pretende-se deste modo, analisar a multidisciplinaridade de factores que contribuem para a evolução da sociedade tendo presente, todo o contexto em que cada indivíduo se insere e a forma como, e onde este foi socializado, pois a sociedade depara-se constantemente com determinada linguagem utilizada como expressões de atitudes sociais que anteriormente não eram reconhecidas e utilizadas, contribuindo para o maior ou menor desenvolvimento de mentalidades relacionadas essencialmente com a homossexualidade e a sua interacção nos diversos âmbitos da vida social.

Subjacente a este fenómeno social, começou-se, de forma significativa, a alternar a palavra homossexual cheia de preconceito por gay e lésbica, associando-se-lhe o surgimento de outros novos conceitos. Também a homofobia e coming out sobrepuseram-se ao que outrora seria considerado uma "falta de vergonha" ou a "vergonha da família".

De forma a delimitar conceptualmente o fenómeno a ser abordado, pretende-se demonstrar como a nossa sociedade cria preconceitos e rótulos em indivíduos que não seguem uma norma de socialização presente em todo um conjunto maioritário de indivíduos que poderá inclusive levar à exclusão social dos mais fracos.

Afigura-se pertinente perceber de que modo os homossexuais interagem no seio de uma sociedade partindo do pressuposto de que o preconceito e a homofobia existem. Não existe contudo um consenso relativamente a esta perspectiva, em que por um lado os homossexuais poderão ser entendidos e ingeridos socialmente existindo por parte dos indivíduos um lado mais sociável e compreensível contudo, o oposto poderá ser



verificável na medida em que a discriminação pode ser bastante penosa para quem se depara em tal situação.

A sociedade demonstra aos nossos olhos uma clara divisão no que concernem ser normal e anormal, denotando os heterossexuais como os seres dentro da norma social focando os homossexuais como os que partilham uma orientação sexual e identidade de género diferente tidos como desviantes da conduta normativa, advogado assim a existência de uma menor aceitação e desigualdade entre indivíduos.

Existindo uma prevalência do senso comum tornou-se essencial referenciar ao longo deste trabalho as características e atitudes da sociedade portuguesa relacionalmente com o que se conhece actualmente sobre a homossexualidade, tendo em conta a diversidade de culturas, tradições e mentalidades das próprias zonas do país.

Torna-se neste ponto necessário recolher informação e ter conhecimento de uma outra visão mais específica que surge do próprio homossexual e das associações que se destinam a estes.



2. Objecto e Objectivos de Estudo

O presente trabalho elege como objecto de estudo a população homossexual que se encontra inserida na rede ex aequo abrangendo elementos de Évora e de Lisboa.

Pretendemos compreender a atitude dos homossexuais perante as problemáticas do casamento entre pessoas do mesmo sexo, a adopção de crianças, a SIDA e a doação de sangue.

De forma a compreender e a conhecer alguns exemplos do percurso de vida destes casais, será pertinente abordar temas como a descoberta da sua orientação sexual, a fase da experimentação, o estado de dúvida, as certezas, a aceitação do próprio e dos outros, assim como toda a sua actual vivência, tendo em conta o universo familiar, o grupo de amigos e trabalho ou escola.

Conceptualizando a literatura teórica existente sobre a atitude da sociedade perante os homossexuais, pretendemos mostrar se existe nas zonas em estudo uma partilha ou uma divergência na opinião relacionada com a aceitação ou a rejeição dos casais homossexuais, assim como entender até que ponto a opinião dos homossexuais vai, ou não, ao encontro da opinião demonstrada pela sociedade em relação às problemáticas existentes em torno destes, observando por fim se a aceitação ou rejeição destes grupos pode ser influenciada pela questão do género.



3. A Sociedade e a Homossexualidade

A homossexualidade sempre existiu ao longo da história nas mais diversas culturas, segundo Frazão e Rosário, (2008) tornando-se tão antiga como a própria humanidade.

Tendo em conta os artigos de Brandão, (2000) a identidade de um indivíduo denota-se a partir das formas assumidas da sua sexualidade, deste modo opera-se que a homossexualidade é um papel a ser aprendido para posteriormente ser desempenhado por determinado indivíduo no seio da sociedade, encontrando-se subjacente a ideia de que a homossexualidade apresenta-se como um fenómeno social, tanto quanto individual.

Dada a diversidade da cultura humana, as atitudes que a sociedade apresenta em relação à homossexualidade diversificam-se, não sendo assim surpreendente que a homossexualidade seja expressa com uma ampla variedade de formas e vista de modos nitidamente contrastantes durante diferentes períodos históricos e em diferentes sociedades, apresentando os seus próprios valores adequados e inadequados em relação à sexualidade, assim como as atitudes para com o desejo, as actividades e os relacionamentos sexuais em geral.

A sociedade portuguesa, que deteve como idealização da orientação sexual a heterossexualidade, sente-se desconfortável ao lidar com questões referentes à homossexualidade ou mesmo lidando com homossexuais. De modo a evitar todo esse desconforto, optam por não conviver com este tipo de questões e com os próprios homossexuais, tornando a generalização do comportamento da sociedade por ser tão prevalente que os homossexuais tornam-se assim grupos inferiores, excluídos e marginalizados da sociedade, até na própria lei “em que gays e lésbicas, apesar de participarem de igual modo no seio da sociedade, ou seja, com os mesmos deveres e obrigações que os outros indivíduos, não têm os mesmos direitos que os restantes cidadãos” como por exemplo no que respeita ao casamento, como refere Joana Amaral em uma das suas entrevistas.

Torna-se necessária a focalização e compreensão por parte da sociedade seguidamente de uma desconstrução de ideias pré-concebidas apoiadas num biologismo supostamente inviolável, onde, segundo Santos e Fontes, (2000) as orientações sexuais



deviam ser vistas pela sociedade como forma de reflexão sobre o verdadeiro sentido do amor, tendo em conta a definição do Dicionário Universal da Língua Portuguesa, “Amor este assente numa paixão atractiva entre duas pessoas, um sentimento que induz a obter ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atracção”.

3.1. O que é a Homossexualidade?

Recorrendo ao contributo de Frazão e Rosário (2008), a definição do que é ser homossexual foi introduzido na literatura científica em 1869 por Karoly María Benkert na tentativa de eliminar ou substituir designações pejorativas para as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Face a esta percepção, denota-se que o conceito homossexualidade é definido na sua generalidade como sendo “a atracção sexual, emocional, estética e afectiva de pessoas de um género por pessoas desse mesmo género, isto é, a homossexualidade é uma palavra híbrida constituída por homo e sexual em que, homo significa igual, semelhante, o mesmo e sexual significa o sexo ou órgão reprodutor.” (Paulos, 2002:8) Entende-se que “um homossexual não é mais do que uma pessoa que entende a sua sexualidade de maneira diferente das outras e põe em prática as suas convicções.” (Demétrio, 2004:2)

Muitos homossexuais apercebem-se desde muito cedo que as suas paixões e interesses se direccionam para membros do mesmo sexo e estas relações surgem como parte da sua aprendizagem, experimentação e conhecimento do corpo. Por outro lado, muitos dos homens e mulheres homossexuais tiveram as suas primeiras experiências durante a adolescência, tendo sido no final desta que as suas determinações e orientações se consolidaram.

Os homens, com mais frequência do que as mulheres, apercebem-se da sua homossexualidade através das suas fantasias sexuais e atracões por outros rapazes desde muito novos. A maioria das raparigas apercebe-se da sua homossexualidade através de um relacionamento amoroso, geralmente detiveram muitas amizades especiais ou muito próximas com raparigas antes de se aperceberem de que o que sentem é amor.



A homossexualidade aplica-se tanto nas mulheres ao que as designam por Lésbicas, como se aplica nos homens aos quais designam por Gays. Estas são pessoas como todas as outras que têm sentimentos, com a particularidade de sentirem uma atracção emocional e sexual por pessoas do mesmo sexo. Para eles, a homossexualidade não é uma escolha, mas sim uma orientação, que não é mais que o género (masculino e feminino) ao qual uma pessoa se sente preferencialmente atraída física e/ou emocionalmente.

Ferraz, (2008) advoga que o termo orientação sexual é considerado mais apropriado do que opção sexual ou preferência sexual, uma vez que estudos recentes realizados dentro da sexualidade mostram que na infância, a tendência sexual começa a ser desenhada, sendo assim o termo opção sexual inadequado, já que a criança ainda não possui uma capacidade avaliativa a que possamos chamar de escolha.

Actualmente deve-se ter presente a ideia que ser gay ou ser lésbica não é uma opção, existindo vários factores que determinam esta orientação, independentemente da vontade das pessoas, não sendo portanto possível forçar a alteração da orientação sexual de alguém.

O conhecimento de como lésbicas e gays vivem as suas vidas é muito limitado, daí a sua invisibilidade social associada a indivíduos que se encontram à margem da sociedade devido à indiferença e ao preconceito, considerando vários os factores que podem contribuir para que esta ocorra.

De acordo com o psicólogo Gachet, (2007) estes grupos minoritários mobilizam-se e organizam-se devido à existência de um acentuado preconceito e discriminação que levam a uma situação de invisibilidade tendendo a relacionar-se com tudo o que se encontra fora dos padrões de vida das classes consideradas maioritárias. Contudo, e com a abertura cada vez maior das suas vidas, esta invisibilidade tende a diminuir.

Destarte, em primeiro lugar, de se assumir perante si mesmo, assumir a sua sexualidade ou dito de outro modo, "sair do armário", o que varia muito de pessoa para pessoa. Este fenómeno denomina-se de *coming out*, que encerra em uma componente pessoal integrada numa dimensão social mais vasta.

De acordo com Frazão e Rosário (2008), este processo encontra-se frequentemente relacionado com a formação da identidade homossexual, advogando



que não se inicia na idade adulta, mas sim no processo global da formação da identidade no iniciado na adolescência.

Alguns testemunhos referem que o seu *coming out* aconteceu demasiado rápido e sentiram-se como se todas as peças do puzzle tivessem encaixado perfeitamente. Para outros é um processo longo e difícil, que pode durar anos ou até mesmo décadas.

Independentemente de não existirem estudos feitos relativamente à percentagem de homossexuais em Portugal, estima-se, de acordo com as publicações no site da rede ex aequo, (2004) que entre 5 a 10% da população é homossexual assumida ou tem sentimentos homossexuais aos quais não correspondem devido à pressão social, existindo também “mais portugueses a assumirem-se como bissexuais do que homossexuais.”

Esta percentagem é também difícil de determinar visto que muitos destes descobrem o significado dos seus sentimentos tardiamente, depois de experimentarem relações heterossexuais, casamento, e até parentalidade.

Muitos podem ser os que não se assumem, contudo, no que diz respeito à identidade homossexual pode esta ser notória perante a sociedade, família ou amigos, para determinados Gays e Lésbicas, reconhecidos através de símbolos.

Os símbolos, de acordo com Pais, (1996) apresentam-se de forma diversificada, nomeadamente através de expressões corporais, discursos, objectos ou formas de interacção essenciais para a construção de um significado cultural.

Também os homossexuais têm os seus símbolos, sendo que aquele que mais o caracteriza é a bandeira com as cores do arco-íris que representa a esperança e o orgulho gay.

A luta contra a sida têm sido também um símbolo ligado aos homossexuais, na medida em que tenciona alertar para a estigmatização existente e apelar à solidariedade, pois esta doença foi desde sempre associada a quem não era heterossexual.

Não só os objectos mas também o discurso e determinadas expressões corporais simbolizam os homossexuais, e é através destes que a sua identidade é construída e conduzida à igualdade em torno de um conjunto de valores fundamentais. (citado em Santos e Fontes, 2000:9)



3.2. Diferenciação entre Homossexualidade e Heterossexualidade

Com base em investigações mais recentes, a grande diferença entre estas orientações estabelece-se na realidade entre os homens e as mulheres do que propriamente entre os homossexuais e os heterossexuais.

Tendo em conta algumas das contribuições “As relações homossexuais têm de ser construídas e negociadas fora das normas e linhas de orientação que governam muitas uniões heterossexuais, pois os homens e mulheres homossexuais foram excluídos da instituição do casamento, e também porque os papéis tradicionais dos géneros não são facilmente aplicáveis aos casais do mesmo sexo.” (Giddens, 2007:195)

Segundo as investigações mais recentes sobre a sexualidade e o género, surge a ideia de que para os homens, é mais fácil separar a sua sexualidade dos seus relacionamentos amorosos. Também se pode dizer que os homens usam o sexo mais vezes que as mulheres como meio para alcançar a intimidade ou para iniciar uma relação amorosa. As mulheres, por outro lado, costumam depender mais do contexto emocional para obter prazer sexual. Também se pode dizer que para muitas mulheres a sexualidade só é valorizada depois de alcançada uma proximidade e intimidade emocional com o seu companheiro ou companheira. O que acontece nas relações homossexuais é que muitas vezes, estes comportamentos específicos de cada género são reforçados.

Na perspectiva de Weeks, Hephys e Donovan, (1999) “Os parceiros homossexuais negociam os parâmetros e o funcionamento das suas relações. Enquanto os casais heterossexuais são influenciados por papéis associados ao género socialmente enraizados, entre os casais do mesmo sexo as expectativas sobre quem faz o quê numa relação são menores.” (citado em Giddens, 2007:195)

A heterossexualidade refere-se assim, à atracção sexual e/ou romântica entre indivíduos de sexos opostos, e é considerada a mais comum orientação sexual nos seres humanos, tendo sido identificada ao longo da história e na maioria das civilizações, como algo normal ou natural, decorrendo directamente da função biológica relacionada com o instinto sexual reprodutor sendo tudo o resto anormal ou anti-natural.



Apesar da existência de ideias já preconcebidas, na realidade tanto os indivíduos heterossexuais como os homossexuais não fazem uma opção de quais os desejos e atrações a seguir.

Todo este processo relacionado com a orientação sexual dos indivíduos poderá estar determinada por factores biogénéticos, sejam questões hormonais ou de genes, que podem determinar esta predisposição, não sendo possível forçar a alteração da orientação sexual de alguém.

Subsistem as diferenças entre a homossexualidade e a heterossexualidade, sendo que aos olhos da sociedade estas orientações ainda se figuram resistentes, ou seja, a homossexualidade uma vez que não perfilha a norma é vista como desvio, e a heterossexualidade como perfilha a dita norma estipulada em sociedade é vista como um bem intrínseco desta.

3.3. Atitude da Sociedade perante a homossexualidade

Tendo em conta tudo o que se relaciona com as questões de orientação sexual, afectando de determinado modo a realidade social, principalmente a homossexualidade, surgem alguns impactos negativos na sociedade, uma vez que põem em causa muitas convicções e princípios, acabando por agitar com postulados que regem a identidade e os valores morais de muitas pessoas.

Através da contribuição de Bauman, (1999) denota que é a própria sociedade e a sua cultura que acaba por manipular e formar as percepções sobre os fenómenos relativos à sexualidade, visando que esta se concebe como sendo heterossexual na medida em que homens e mulheres devem sentir por natureza uma atracção mútua. (citado em Santos e Fontes, 2000:2)

Apesar da existência moral de uma regra geral e normativa do tipo de relações que deve existir dentro da sociedade, a verdade é que existem outras orientações em que muitos indivíduos sentem-se naturalmente atraídos por outros do mesmo sexo e onde segundo Hacking, (1992) “a proliferação de rótulos nesse domínio [o da sexualidade] pode ter engendrado muitos mais tipos de pessoas do que o mundo alguma vez houvera conhecido” (citado em Brandão, 2000:3)



Tudo isto não passa de algo que se traduz como normal, contudo, aos olhos de uma sociedade portuguesa mais antiga e regida por determinados princípios, a homossexualidade era tida como algo de anormal, em que os homossexuais colocavam-se num perfil de doentes mentais, imorais, perversos, diabólicos inexoravelmente inferiores.

Quando se associa a homossexualidade a uma doença, muitos na sociedade não sabem associar a algo concreto, partindo da teoria de Sigmund Freud, este explica a homossexualidade como sendo uma saída negativa do complexo de Édipo.

Segundo Freud, a criança por volta dos 4 anos de idade, tem um relacionamento bastante forte com a mãe não aceitando bem a proximidade desta com o pai ou até mesmo com os irmãos se for caso disso, porém, esta disputa pela posse da mãe é considerada como um conflito natural. Normalmente o pai vence, impondo alguns limites ao filho fazendo surgir neste, um sentimento de rivalidade com o pai.

Todo este processo é um tanto quanto longo, mas com isto, a criança passa a estar mais ligada ao pai, passando a interiorizar as características masculinas deste.

Segundo a contribuição de Lourenço, (2005) quando o pai da criança não consegue impor limites ao filho, este não se relaciona com as características do pai, interiorizando as características femininas da mãe tornando-se assim homossexual.

Esta teoria surgiu como explicativa no entanto será plausível considerar que pode ser aceite por determinados indivíduos, assim como pode ser rejeitada por outros tornando-se então passível de questionamento. Alguns autores defendem que existe um pequeno evoluir da sociedade portuguesa, que expõe uma nova abertura para o que se apresenta como desconhecido em forma de adquirir mais conhecimento, a homossexualidade nos dias de hoje poderá beneficiar de um clima de alguma tolerância social relativa à sexualidade, isto é, o direito social evoluiu progressivamente no sentido de criar uma não discriminação destes indivíduos, isto através de grupos e associações, espaços de lazer e até mesmo no que diz respeito aos média.

Apesar do início de mudança nas mentalidades da sociedade, é necessário ter em consideração todo um processo de socialização que acaba por surgir nos diversos indivíduos em contextos diferentes do actual, existe então, o preconceito, constrangimento e aceitação, tendo como condição que a homossexualidade seja tida e mantida como uma questão discreta e confidencial. É presente em algumas leituras que



as pessoas por vezes temem aquilo que não compreendem e não conhecem, acabando por não se apresentarem compreensíveis e interessadas em perceber e entender os novos conhecimentos e fenómenos que se tornam sociais, fechando-se assim, naquelas idealizações já preconcebidas mostrando que “Portugal é ainda um país homofóbico” como comenta Sofia Aboim, (2007).

Por homofobia a rede ex aequo nas suas publicações “entende como o medo e o desprezo pelos homossexuais. Este termo é usado para descrever o ódio generalizado aos homossexuais.”

Boaventura de Sousa Santos, (1999) advoga que a exclusão social dos homossexuais torna-se de certo modo evidente, não surgindo apenas das pessoas que na sua vida quotidiana criticam abertamente os homossexuais, mas também dos próprios órgãos do poder na execução das leis, demonstrando a falta de igualdade entre os heterossexuais e os homossexuais portugueses, surgindo por parte destes últimos, uma organização de diversas formas de resistência perante os constrangimentos sociais uma vez que têm “direito a ser iguais sempre que a diferença os inferioriza; têm o direito às especificidades identitárias.” (citado em Santos e Fontes 2000:16)

Podemos presenciar que na actualidade, existe uma fracção da sociedade que ainda rejeita mas outra que já aceita a homossexualidade. Isto, traz clivagens nos próprios indivíduos homossexuais em que alguns se ocultam e se fecham em torno de si próprios com receios, outros em torno do seio social e familiar assumem comportamentos heterossexuais acabando por exercer a sua homossexualidade num mundo mais privado, já um outro grupo de indivíduos lutam contra as repressões e defendem a igualdade de direitos, uma vez que toda esta visão negativa da homossexualidade manifesta-se através da sua condenação social, moral e legal.

Joana Amaral, Vice-presidente da ILGA¹, diz numa das suas entrevista que “gostaria que toda a gente tivesse condições para se assumir. Ainda é muito difícil, na escola, no emprego, na família uma pessoa assumir-se e não ouvir uma única boca. E é ainda mais complicado o facto de uma pessoa ter de se assumir todos os dias.”

O pressuposto de que a orientação homossexual acaba por se tornar um mecanismo de inferiorização é mostrado por Miguel Vale de Almeida, (1995).

¹ Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero



A percepção da sociedade relativamente á homossexualidade acaba por ser diferenciada, uma vez que a homossexualidade feminina acaba por causar menor ansiedade aos portugueses. (citado em Santos e Fontes, 2000:7)

Deste modo, a homossexualidade masculina é então menos tolerada socialmente em comparação com a feminina, tendo em conta como foi já referido, para Castells, (1997) o homem encontra-se muito ligado ao poder masculino, não sendo bem aceite pela sociedade o facto de a homossexualidade ser compreendida como comportamentos mais femininos e assim inferiorizante. (citado em Santos e Fontes, 2000:7)

Todos estes indivíduos sofrem assim práticas homofóbicas, por vezes físicas ou verbais e ainda provocações injuriosas².

Esta questão das relações de pessoas do mesmo sexo, gays e lésbicas, torna-se deste modo uma questão interessante de investigação uma vez ser bastante heterogénea no que respeita a opiniões, atitudes e maneira de encarar o que de diferente nos é apresentado.

² Em Junho de 1997 na Cidade de Lisboa foram colocados cartazes que diziam “Homossexual: a tua doença tem cura... Anima -te”

Em Abril de 1999 sai um artigo na revista InterEmpresa que dizia, “os homossexuais são um epidemia que visa destruir a sociedade”



4. Associativismo e Homossexualidade

A par com toda a temática anteriormente referenciada, é de salientar segundo algumas contribuições de autores que o associativismo surge como meio para a satisfação das necessidades individuais humanas, anexando interesses comuns e defendendo pontos de vista de forma global.

Cada vez mais o movimento associativo é visto como o caminho para agir, intervir e viver de forma plena a cidadania, ganha expansão, sendo considerado uma mais-valia no desenvolvimento da sociedade, onde o “ingresso e a participação numa associação podem ser um meio para atingir determinados objectivos: permitir que uma minoria associada concretize aspirações hostis à maioria da população” (Dicionário de Sociologia, 2002:30).

Defendendo estas perspectivas, surgem assim algumas associações relacionadas com a homossexualidade.

4.1. Associações Homossexuais existentes

A questão da homossexualidade, segundo Brandão, (2000) foi marcada pela emergência de movimentos sociais que se reverteram e ainda se revertem em elevados conflitos. Contudo, o aumento da afirmação dos casais com relações do mesmo sexo na sociedade levou a que muitas associações, grupos e movimentos surgissem, sendo a internet dos mais eficazes instrumentos de constituição de redes associativas, acabando assim por permitir um recrutamento de membros de várias regiões.

Deste modo, a facilidade de comunicar e transmitir ideias torna-se mais fácil para este grupo de indivíduos que acaba por partilhar a mesma experiência, as mesmas dúvidas, as mesmas vontades, contudo, surgem alguns problemas, e um deles centra-se na dificuldade de sensibilizar as forças políticas nacionais para a necessidade de alterar determinadas leis e normas vigentes que acabam por afectar os direitos de cidadania destes.

Através disto, a dificuldade que existe na transmissão de simples mensagens tornam-se, de certo modo, complicadas de serem adquiridas e aceites pelos outros, tanto que, “o comportamento de cada um pode nada ter a ver com a identidade de que se



socorre para se autodefinir. Ou seja, a sexualidade é uma possibilidade em aberto e é a partir deste dado que todas as políticas de prevenção e apoio devem ser pensadas.”

(Associação ILGA Portugal)

Existe deste modo, algumas associações que visam um dinamismo em relação a estas questões em torno da homossexualidade.

Quadro 1

Associações	O que representam
Associação ILGA Portugal	A primeira associação LGBT* portuguesa.
Clube Safo	A única associação lésbica existente em Portugal.
Opus Gay	Organização para promover a solidariedade entre todos os membros da comunidade LGBT*.
Panteras Rosa	Frente de Combate à LesBiGayTransFobia.
Não Te Prives	Associação de defesa dos direitos sexuais, sediada em Coimbra.
APHM	Associação Portuguesa de Homossexualidade Masculina.
Rede ex aequo	Associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes.

*LGBT - acrónimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgéneros. Identifica todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de género divergentes do sexo designado no nascimento.

4.2. A rede ex aequo



4.2.1. Surgimento

A rede ex aequo é uma associação portuguesa de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros (LGBT) e simpatizantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos.

Esta rede ex aequo começou a desenvolver as suas actividades de modo informal em Janeiro de 2002, no entanto, esta associação foi fundada sem fins lucrativos a 5 de Abril de 2003.

Está sediada no Centro Comunitário Gay e Lésbico de Lisboa (CCGLL), Rua S. Lázaro 88, Lisboa, espaço este cedido pela Associação ILGA Portugal.

A rede ex aequo tem vários grupos de jovens locais a funcionar pelo país. Nas suas reuniões estes grupos conversam sobre diversos temas, que estão de algum modo, total ou parcialmente ligados à temática LGBT, geralmente através de dinâmicas de grupo e exercícios pedagógicos divertidos que pretendem, justamente ajudar a falar sobre assuntos que provavelmente não encontram espaço nem com quem falar noutros locais.

Agregados a esta associação, advieram os objectivos de reivindicar a não discriminação e a integração na sociedade de todos estes jovens, assim como obter reconhecimento das suas necessidades, particularidades e especificidades no meio social.



Pretendem também desenvolver e implementar estratégias e acções de intervenção a nível científico, social, cultural, político, referentes à juventude e à educação no âmbito da temática LGBT. Desejando por fim, fomentar o desenvolvimento de grupos locais de convívio, de apoio e de trabalho para estes jovens e simpatizantes, sendo o número de membros local e nacional inconstante uma vez que existem sempre novos membros a integrar a rede e outros a abandonar por diversas circunstâncias pessoais. (rede ex aequo)

4.2.2. Projectos

Desde o seu surgimento, a rede ex aequo já desenvolveu e implementou vários projectos, entre os quais a co-organização de conferências internacionais de jovens LGBT em Lisboa, uma campanha digital contra o preconceito a LGBTs, acampamentos de verão para estes mesmos jovens e simpatizantes, um folheto de divulgação, um projecto educação que inclui material publicado para professores e alunos, um observatório de educação, listas de números de apoio e de profissionais de saúde, encontros nacionais de jovens LGBT, ciclos de cinema e exposições de postais, fotografia, poesia e pintura, participação em conferências anuais da IGLYO (International Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth and Student Organisation) entre outros.

Para além dos seus projectos existem também comunicados, petições e atribuições de prémios que são parte envolvente de todo o trabalho feito pela associação como forma de luta pela inclusão das pessoas que sofrem de homofobia e preconceito e desmistificação destes temas.

- Parentalidade e Adopção (*3 de Junho de 2003*)
- Supremo Tribunal Incentiva a Discriminação (*27 de Outubro de 2003*)
- Carta Aberta - Caso do Desalojamento de Liliana (*28 de Janeiro de 2004*)
- Carta aos Partidos sobre a Juventude LGBT (*14 de Janeiro de 2005*)
- Pela Salvaguarda da Vida Privada: Contra a Homofobia (*1 de Fevereiro de 2005*)
- Parabéns pela História de Liliana - Morangos com Açúcar (*23 de Junho de 2005*)



- Carta Aberta dos Jovens Portugueses sobre Educação Sexual (8 de Julho de 2005)
- "Ninguém Como Tu" - Parabéns pela Abordagem da Homossexualidade (5 de Agosto de 2005)
- Abaixo-Assinado Contra a Manifestação de 17 de Setembro (8 de Setembro de 2005)
- Carta Aberta ao Conselho Executivo da Escola Secundária António Sérgio (12 de Novembro de 2005)
- Brochuras do Projecto Educação e Observatório de Educação (7 de Fevereiro de 2006)
- Morte Violenta de Transexual no Porto (24 de Fevereiro de 2006)
- Relatório sobre Homofobia e Transfobia nas Escolas em Portugal (27 de Setembro de 2006)
- Da autoridade parental à responsabilidade parental (29 de Janeiro de 2007)
- Carta Aberta sobre Igualdade no Acesso ao Casamento Civil (23 de Abril de 2007)
- Carta Aberta à Revista Visão (20 de Novembro de 2007)
- "Educação Sexual, mas Inclusiva" lembrada no Dia dos Namorados (14 de Fevereiro de 2008)
- Directiva-Quadro Anti-Discriminação (29 de Abril de 2008)
- Votação da Igualdade no Acesso ao Casamento Civil (30 de Setembro de 2008)
- Relatório sobre Homofobia e Transfobia nas Escolas em Portugal (26 de Janeiro de 2009)
- Declarações de Gabriel Olim ao Jornal i (31 de Julho de 2009)

Todas estas temáticas apesar de serem consideradas como algo secundário tornam-se para estes indivíduos necessárias e essenciais para uma noção clara do dualismo preconceituoso existente entre a sociedade e as pessoas LGBT.

4.2.3. Finalidade

Esta associação, rede ex aequo, pretende concretizar os seus objectivos através de todos os seus projectos.



Estes proporcionam não só actividades com temas em relação ao assumir-se, à descoberta do primeiro amor, à existencia da rede de apoio, à homofobia, através de jogos, oficinas e debates, mas também idas à praia, passeios, desporto, peddy papers, jogos de cultura geral, teatro, espaços musicais e de poesia, entre outros. Porém, também a via artística, como por exemplo o cinema, é primordial nos eventos de sensibilização para as questões relacionadas com a homossexualidade, como as que dizem respeito à fase do "assumir-se para si próprio", pois como sabemos, o período desta consciencialização e aceitação é especial, delicado e por vezes difícil na vida da maioria dos jovens, ainda incompreendidos e vítimas de preconceito e discriminação.

É deste modo que surge a crescente divulgação à comunidade das principais acções da rede ex aequo, bem como de eventos e outros destaques relacionados com a homossexualidade são necessários e importantes. Até a própria internet e os media são essenciais como ferramenta de informação, esta pode levar o utilizador a reflectir sobre o preconceito existente para com as pessoas LGBT, informando-o por outro lado, sobre questões relacionadas com a população LGBT, combatendo a ignorância sobre a sua realidade, esclarecendo dúvidas existentes, destruindo estereótipos errados e preconceituosos que denigrem e deturpam a realidade da vivência destas pessoas, tantas vezes vítimas de uma homofobia social e institucional, tendo ainda a consciência que até nas próprias escolas ocorrem muitas situações de homofobia e transfobia, não sendo este espaço seguro para muitos destes jovens, ou percebidos como tal.

Desejando dar voz e reportar todas as situações de discriminação, de qualquer cariz, respeitantes ao tema da orientação sexual e identidade de género que tenham ocorrido em estabelecimentos escolares em Portugal, criam-se debates sobre tais assuntos nas várias escolas básicas, secundárias e de ensino superior do país, procurando promover uma educação para a cidadania e para os direitos humanos, em específico na área da orientação sexual e da identidade do género tendo como objectivo principal o de educar uma sociedade contra a discriminação a pessoas homossexuais.

Pretende-se que a sociedade actue frente à desinformação e discriminação ainda vigente no social, que resultam na transmissão de informação incorrecta, preconceituosa e estereotipada. (rede ex aequo)



4.2.4. Impactos Sociais

Tendo em conta alguns estudos, as questões da orientação social quando transportadas da esfera pessoal para a esfera social adquirem uma dimensão de crítica e rejeição.

Muitos são os jovens homossexuais que são alvo de discriminação por parte de uma sociedade onde os preconceitos e estereótipos são ainda vigentes.

Estes indivíduos, não possuindo informação e com receio de pedir apoio para evitar a discriminação proveniente dos colegas, amigos e familiares, passam por momentos difíceis. Tais factos conduzem estes jovens a situações de solidão, isolamento, comportamentos de risco, à depressão, à baixa auto-estima, ao insucesso escolar e, em casos extremos, mas demasiado frequentes, ao suicídio.

Os jovens LGBT são o segmento da população que constitui o alvo primordial do trabalho que desenvolve a rede ex aequo, que a certa altura da sua vida descobrem que a sua orientação sexual ou identidade de género é diferente da norma.

A rede ex aequo e as demais associações LGBT tentam criar impactos sociais no que diz respeito à igualdade, lutando no sentido de estereótipos, erradamente e infelizmente associados à orientação sexual ou identidade de género, o que permite, em linhas gerais, dar mais um passo no sentido da erradicação do preconceito e discriminação destes. (rede ex aequo)

Recaindo numa reflexão sobre alguns impactos sociais desta rede em estudo, julga-se pertinente referir que é o conjunto das associações existentes que movem a força da igualdade humana tendo já angariado diversos aspectos positivos. Focando-nos na legislação, no casamento homossexual e na publicidade já existente com homossexuais, denota-se que esta aceitação de projectos sobre esclarecimentos entre outros vem dar voz a estas associações que não só tendem a ser cada vez mais audíveis como também começam a transformar alguma da consciência na sociedade que se mostra discriminatória e agarrada a ideais antigos que acabam por não fazer sentido na actualidade. Estas associações não só tentam ter impacto nos grupos majoritários, considerados os dominantes, como tentam ter impacto nos próprios indivíduos que precisam de ajuda para se afirmarem enquanto cidadãos com direitos cívicos, não escondendo desta forma a sua identidade sexual.

5. Caracterização sócio-demográfica das zonas a estudar

Boaventura Sousa Santos, (1995) salienta que “uma das características principais da sociedade portuguesa é a heterogeneidade interna” (Citado em Santos e Fontes, 2000:8), sendo possível presenciar algumas atitudes homofóbicas presentes na sociedade portuguesa em relação aos homossexuais, como comenta Sofia Aboim, (2008) no Jornal Público, “Portugal ainda é um país homofóbico”.

Tendo em conta a abordagem de Santos e Fontes relativamente à geografia portuguesa entre as áreas mais urbanas e litorais, a sociedade pertencente às novas classes médias mais escolarizadas mostra-se mais aberta à diversidade sexual, possuindo uma mentalidade mais direccionada para diversas formas de vida, contudo nas áreas mais rurais e do interior, a sociedade mais tradicional, com escassez de modificações económicas e sociais, apresenta uma mentalidade mais fechada e mais agarrada aos valores antigos.

Para a escolha das zonas em estudo, tivemos em conta duas cidades onde a associação em estudo, rede ex aequo estivesse presente, optando assim por Lisboa, sendo um concelho do litoral com elevada densidade populacional e Évora, sendo um concelho mais próximo do interior com pequena densidade populacional relativamente ao concelho de Lisboa.

5.1. Zona de Évora



Évora tem uma área aproximadamente de 1307,04 km² e 54.780 habitantes segundo dados estatísticos do INE de 2008, predominando a população feminina. Contudo, a camada mais jovem da população, compreendida ente 0 a 24 anos é maioritariamente masculina.

Évora é uma cidade com uma estrutura etária que tende a ser cada vez mais equitativa, não existindo grande discrepância entre as camadas mais jovens e mais idosas da população. Apresenta um grau de escolarização significativo, onde as mulheres lideram a conclusão de níveis de ensino no primeiro e no terceiro



ciclo, licenciatura e mestrado sendo os restantes graus de ensino concluídos maioritariamente pelo sexo masculino. (INE, 2001)

A população de Évora dinamiza a cidade através do comércio e dos serviços, tornando-a assim um centro administrativo, possuindo também um conjunto de infra-estruturas importantes ao nível das suas acessibilidades e de espaços destinados ao funcionamento de instituições e serviços necessários para o quotidiano da população.

5.2. Zona de Lisboa



Lisboa é a maior cidade e a capital do país, o concelho de Lisboa tem uma área aproximadamente de 83,84 km² e cerca de 489 563 habitantes com uma área metropolitana envolvente que ocupa cerca de 2 870 km², com cerca de 2,8 milhões de habitantes segundo dados estatísticos do INE de 2008.

Actualmente, a população do concelho de Lisboa está em queda. Já a área metropolitana de Lisboa está em crescimento populacional, em decorrência da migração dos habitantes da cidade para as cidades vizinhas. (INE, 2001)

A cidade apresenta uma estrutura etária envelhecida, onde as mulheres actualmente representam mais de metade da população. Contudo, a camada mais jovem da população, compreendida ente 0 aos 19 e dos 25 aos 29 anos, é maioritariamente masculina, com um grau de escolarização elevado e bastante significativo, nomeadamente no sexo feminino, são as mulheres que terminam o seu percurso escolar seja ele de que nível for, já o sexo masculino apresenta um maior grau de conclusão apenas no ensino superior no âmbito dos doutoramentos.

No que respeita à parte mais social, é em Lisboa, que se localizam os principais pontos políticos do país, as maiores infra-estruturas de acessibilidades a todos os níveis, aéreo, marítimo, rodoviário e ferroviário. Encontramos também aqui diversificadas instituições e serviços necessários à vida quotidiana da população e outros que não passam de zonas de interesse e lazer.

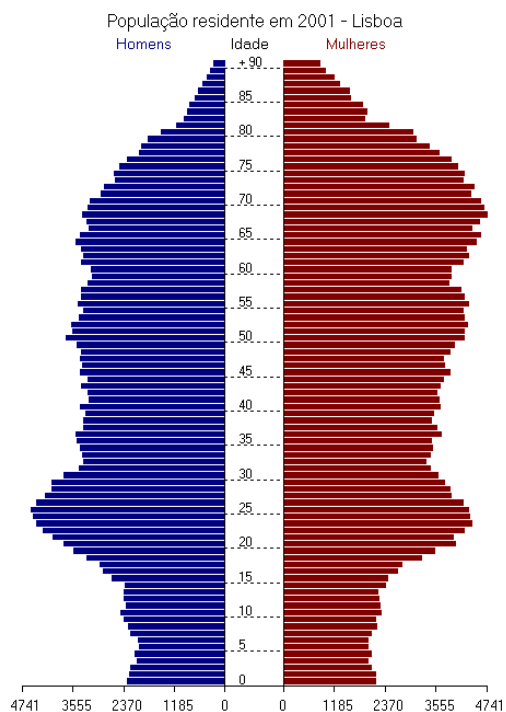


Quadro 2

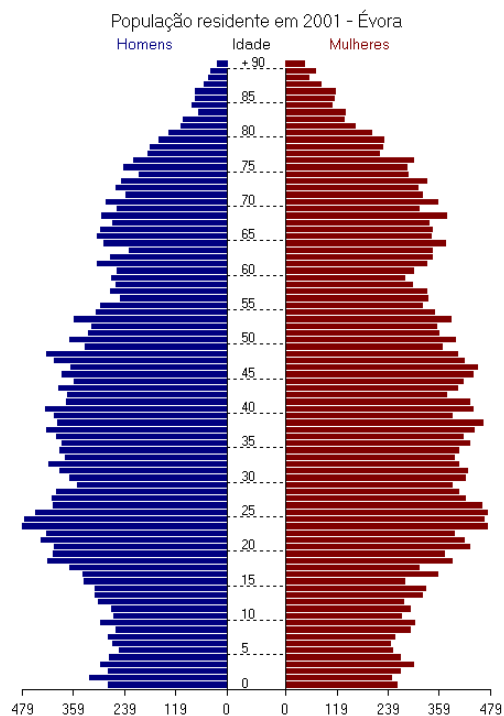
Total da população residente		
Unidade Geográfica	Total 2001	Total 2008
Concelho de Lisboa	564 657	489 563
Concelho de Évora	56 519	54 780

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (Censos 2001)

Pirâmide Etária 1



Pirâmide Etária 2



Fonte: Instituto Nacional de Estatística (Censos 2001)



6. Modelo de Análise

O modelo de análise que irá ser representado a seguir esboça as relações entre os principais conceitos utilizados no presente projecto. Para uma melhor leitura e interpretação destes, julgámos pertinente explicá-los de modo mais perceptível.

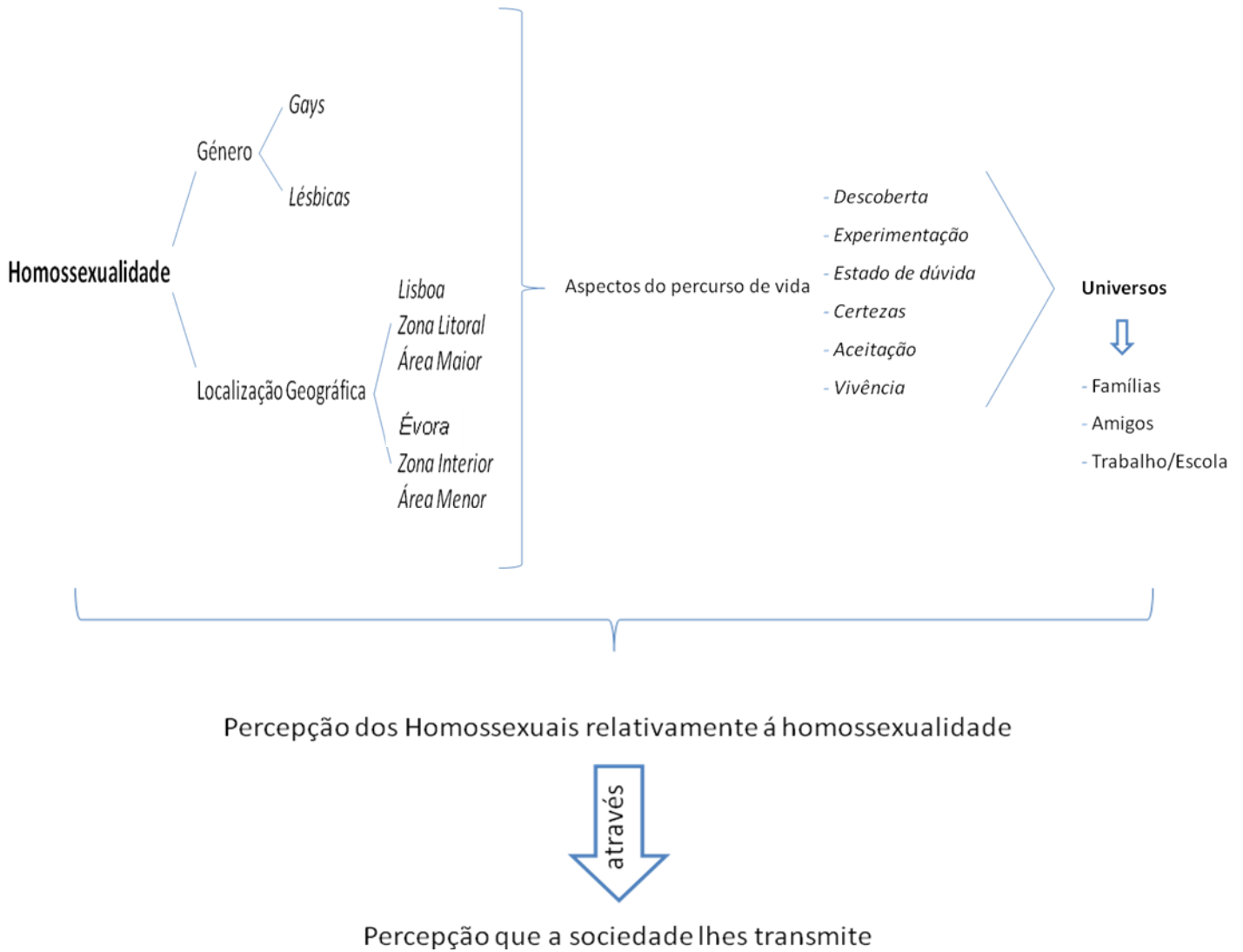
Alguns dos aspectos que julgamos essenciais dizem respeito aos percursos de vida dos homossexuais – desde a descoberta até à aceitação da sua orientação sexual – tendo em consideração alguns dos pilares pessoais e sociais que se encontram ligados ao processo de socialização e de conduta perante indivíduos considerados diferentes com características específicas. Surgem deste modo por parte da sociedade alguns rótulos associados a processos de estigmatização.

No presente projecto pretendemos debruçar-nos especificamente sobre as opiniões dos homossexuais perante toda a problemática da sua aceitação ou rejeição social tendo em conta a diferenciação de género e as assimetrias regionais.

Dado isto, supõe-se pertinente pensar neste tema enquanto problema social e simultaneamente como problema sociológico.



1. Esquema





Em seguida deter-nos-emos com as hipóteses de trabalhos traçadas no presente projecto procurando cumprir os objectivos iniciais e teorias accionando as teorias exploradas no enquadramento teórico.

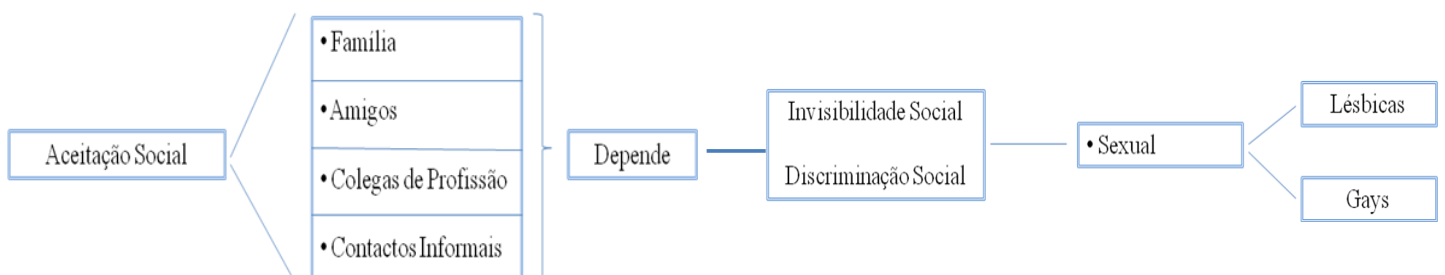
H1: A invisibilidade social e a discriminação perante os homossexuais dificultam a sua aceitação social.

Invisibilidade Social: Todo desprezo social e não-reconhecimento que tendem a significar o insignificante através de uma panóplia de emoções, sentidas por todos num momento da sua vida, unindo-se intimamente ao mundo amargo e silencioso da invisibilidade social. (VI congresso português de sociologia, 2008)

Discriminação: Traduz-se na exclusão de uma pessoa porque, apesar dos méritos que possa ter, pertence a determinado grupo excluído socialmente ou desvalorizado. Denominar qualquer grupo como excluído depende da forma como esse grupo é encarado pela sociedade global existindo várias formas e níveis de discriminação. (Dicionário de Sociologia, 2004)

Aceitação Social: qualidade transposta por um individuo que o torne uma companhia social desejável e deste modo aceitável no meio social ou interpessoal de pertença. (VI congresso português de sociologia, 2008)

2. Esquema da Hipótese 1



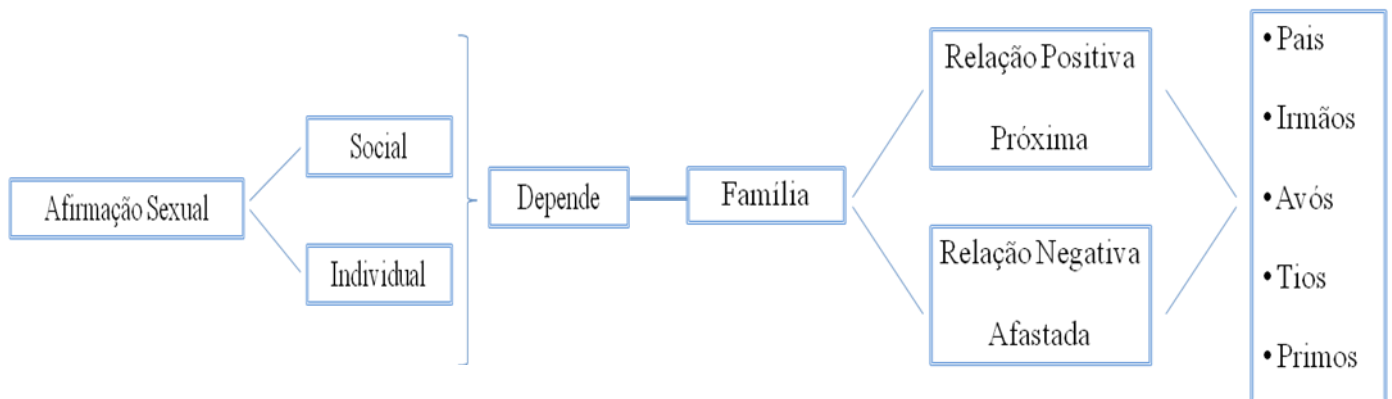


H2: A boa relação dos homossexuais com os familiares e o seu apoio são um reforço essencial para a sua afirmação sexual.

Família: grupo de indivíduos relacionados entre si por laços de sangue, de casamento ou de adoção, que formam uma unidade económica (Giddens, 2000)

Afirmação Sexual: reconhecer e exprimir gostos, sentimentos, opiniões individuais no seio social relativamente à sexualidade. (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.)

3. Esquema da Hipótese 2



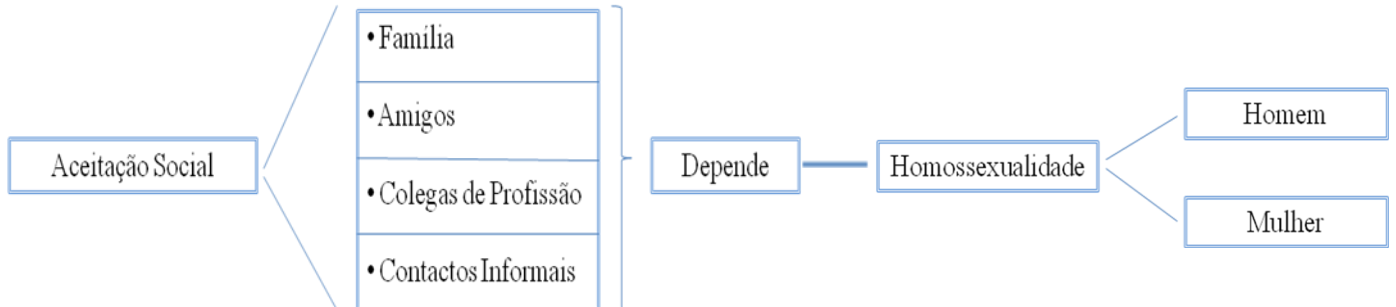
H3: Do ponto de vista dos homossexuais, as relações amorosas entre lésbicas tendem a uma maior aceitação na sociedade do que as relações entre gays.

Relações amorosas: convivência e ligação sentimental com o outro envolvendo amor e paixão. (Dicionário Universal da Língua Portuguesa)

Aceitação Social: qualidade transposta por um indivíduo que o torne uma companhia social desejável e deste modo aceitável no meio social ou interpessoal de pertença. (VI congresso português de sociologia, 2008)



4. Esquema da Hipótese 3

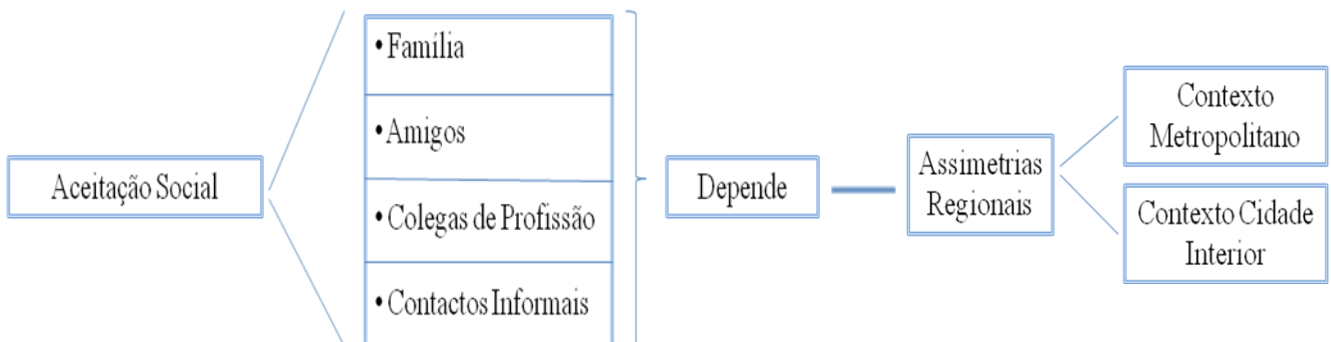


H4: Para os homossexuais a sua aceitação social tende a diversificar-se consoante as assimetrias regionais.

Aceitação Social: qualidade transposta por um indivíduo que o torne uma companhia social desejável e deste modo aceitável no meio social ou interpessoal de pertença. (VI congresso português de sociologia, 2008)

Assimetria Regional: Apresentação de um conjunto de dados diferenciados e com disparidades consoante a região. (Dicionário de Geografia, 1999)

5. Esquema da Hipótese 4





7. Metodologia Utilizada

O tema abordado pelo presente projecto, exige por parte do investigador um afastamento de ideias pré-concebidas de modo a perceber todas as vertentes do assunto tendo em conta que na nossa sociedade este é ainda um tema polémico.

De forma a abordar a problemática da homossexualidade, optou-se por uma metodologia de carácter qualitativo e quantitativo que possibilita uma maior amplitude no âmbito das técnicas de investigação.

Este tipo de metodologia caracteriza-se por privilegiar diferentes formas de contacto entre o sujeito (investigador) e o objecto (realidade que o investigador pretende estudar), é bastante descritiva sendo as análises normalmente apresentadas sob a forma de um texto juntamente com a apresentação de dados numéricos abordados pelas metodologias quantitativas. Por fim, esta metodologia remete essencialmente para o processo de desenvolvimento do fenómeno em si e para os resultados finais.

Pretende-se facultar a opinião dos homossexuais relativamente ao que julgam ser as opiniões e reacções da sociedade para com eles próprios, nomeadamente sobre alguns temas centrais que condicionam as suas vidas enquanto cidadãos, como o casamento, adopção de crianças, SIDA entre outros, que se apresentam tendencialmente fracturantes da integração social dos homossexuais.

7.1. Tipo de Amostra

O processo de amostragem consiste na selecção de uma amostra da população que se pretende estudar.

Afigura-se pertinente utilizar nesta investigação uma amostra do tipo homogeneizada, consistindo no estudo de um grupo de indivíduos nas mesmas situações (orientação sexual), mas com características distintas.

Assim sendo, pretende-se estudar as percepções dos homossexuais compreendidos nas mesmas faixas etárias, pertencentes à rede ex aequo de Lisboa e Évora.

Inicialmente delineamos como objecto de estudo da nossa investigação a parceria e colaboração de duas redes locais integradas na rede ex aequo, em zonas



geograficamente distintas, Lisboa e Covilhã podendo deste modo estabelecer uma comparação entre ambas.

Ao iniciar o processo de contacto entre estas redes foi-nos informado que a rede da Covilhã deixara de existir por falta de colaboradores que se responsabilizassem por formar uma direcção que assumisse todas as iniciativas e actividades a nível local, o que provocou um entrave no nosso propósito inicial.

Obstantes de desenvolver o objectivo inicial, iniciou-se a pesquisa de uma nova rede local com características dimensionais e geográficas semelhantes à cidade da Covilhã de modo a não desistir do nosso modelo analítico.

Viseu tornou-se um dos grupos locais da rede ex aequo situado próximo da Covilhã com características sóciodemográficas relativamente semelhantes, no entanto, esta recentemente cessou funções com tempo indeterminado por falta de colaboração na manutenção e actividades da rede.

Dada a centralidade do problema, entramos em contacto simultaneamente com mais duas redes locais, a de Évora e de Leiria. A rede de Évora tornou-se a mais acessível e colaborativa integrando deste modo o segundo grupo local a ser abordado juntamente com a rede de Lisboa.

7.2. Papel do Investigador

O investigador assume um papel de destacada importância, pois a sua postura e competências são essenciais para a recolha da informação, não sendo necessário total neutralidade neste aspecto, tornando-se parte integrante da investigação na medida em que é sujeito à adopção de um papel e de posição.

No âmbito da pesquisa sociológica o investigador deve ter uma postura distanciada do objecto de estudo em questão colocando de lado as suas opiniões, preconceitos e juízos de valor provenientes do senso comum.

Subjacente a isto, o investigador pode assumir um papel mais presente ou mais ausente, conforme a técnica de investigação que escolher.

No caso específico da nossa investigação, adoptou-se uma postura mais distanciada do objecto de estudo não sendo possível estar presente da aplicação dos



inquéritos por questionário por condições de distanciamento e incompatibilidade temporal.

Este facto pode condicionar por um lado os resultados da investigação na medida em que não existe possível esclarecimento de dúvidas no momento, contudo, foi possível a maximização de trabalho e tempo na aplicação destes.

O facto de não existir a sensação de pressão nos inquiridos através da nossa presença podendo deste modo sentir-se com à vontade e total anonimato nas respostas, poderá tornar-se o ponto positivo deste método utilizado.

7.3. Técnica de Investigação

O inquérito por questionário com questões abertas e fechadas afigurou-se a técnica mais adequada nesta investigação, tendo em vista um maior conhecimento por parte do investigador sobre os indivíduos homossexuais, permitindo abordar mais elementos da rede e superar os problemas da distância física a que o grupo de investigação se encontra do objecto de estudo.

Estes inquéritos permitem ao investigador usar uma linguagem mais corrente de acordo com a população que se propôs estudar, dando alguma liberdade de resposta para que possam surgir novos tópicos enriquecedores para as conclusões finais, no entanto as questões mais fechadas permitem que o indivíduo não se distancie muito do objectivo delineado.

Na sequência de uma palestra a se realizar na Universidade da Beira Interior (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), objectivando um maior esclarecimento à comunidade estudantil sobre a temática da homossexualidade, serão realizadas duas entrevistas aos dois oradores deste Projecto Educação LGBT.

É pretendido com esta palestra um contacto mais pessoal e uma observação mais directa sobre algumas das reacções e preocupações de indivíduos homossexuais, assim como as intervenções de indivíduos heterossexuais.



8. Análise de Dados

O processo de investigação por nós realizado teve por bases dois momentos, o primeiro através de uma palestra realizada por membros da rede ex aequo com a qual trabalhamos e posteriormente o preenchimento dos inquéritos por questionário dos membros locais da rede ex aequo de Évora e Lisboa.

8.1. Palestra rede ex aequo

No dia 28 de Abril de 2010 às 14:30 horas, realizou-se na Universidade da Beira Interior (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) uma palestra com duas oradoras da rede ex aequo sobre o tema “Orientação Sexual e Identidade de Género” inserido no Projecto Educação LGBT.

Na palestra foram desenvolvidos temas relacionados com as questões da orientação sexual, da homossexualidade e o quotidiano de indivíduos homossexuais bem como identidade de género, discriminação e igualdade. Existiu ainda uma breve abordagem sobre a história do movimento LGBT e por fim algumas dúvidas e mitos sobre a homossexualidade.

No final da sessão houve ainda tempo para um espaço de esclarecimento sobre as dúvidas que a plateia mostrou ter.

Palestra – Projecto Educação LGBT

- Discriminação
- Preconceito
- Melhor aceitação (gays ou lésbicas)
- Casamento Homossexual
- Adopção de Crianças
- Evolução da Sociedade

Segundo as oradoras da rede ex aequo, actualmente a discriminação ainda existe na nossa sociedade, classificando-a em diferentes tipos.



Existe discriminação a nível Jurídico no que respeita ao casamento, à adopção, às visitas médicas e prisionais por parte de indivíduos do mesmo sexo. Também a nível social e profissional existe discriminação e os impactos sociais dessa situação levam à existência de estigma que surge da socialização e idealização de certos acontecimentos.

A nível religioso a discriminação recai sobre quem pratica a homossexualidade, ou seja, o pecado por assim dizer não é ser homossexual, mas sim ser praticante.

Por fim, ressaltaram o facto de existir discriminação por parte dos homossexuais face aos heterossexuais e não só o oposto, quer isto dizer que os homossexuais são socializados com base em preconceitos e tendem a direccioná-los para quem os gerou. Assim sendo, o preconceito continua a ser característico da sociedade actual sendo que quem tem menos, é quem mais lida com este tipo de questões.

Na perspectiva das oradoras, a forma mais adequada para lutar contra o preconceito da homossexualidade é tentar desmistificar esta orientação sexual e não dar importância aos estereótipos existentes.

Neste sentido, os alvos mais notórios do preconceito e da discriminação são as camadas mais jovens da população, podendo ocorrer nestes jovens depressões, tentativas de suicídio ou até mesmo a sua concretização.

Segundo as oradoras, o surgimento de espaços destinados a comunidades gays, como é o caso de alguns bares, passou a ser um dos modos de ultrapassar o preconceito e quebrar o isolamento destes indivíduos, contudo, actualmente assiste-se ao alargamento destes espaços a indivíduos heterossexuais, os conhecidos locais LGBT'S.

Observamos relativamente a estes pontos, que aos olhos e experiências dos homossexuais, a sociedade é ainda um pouco conservadora e discriminatória naquilo que considera ser desviante, ou seja, que foge nas normas instituídas.

Relativamente à aceitação social, esta é praticamente nula, a diferença entre casais gays e casais lésbicas é diversificada.

Para uma das oradoras, ainda existe muita discussão em torno da aceitação entre lésbicas ou gays, explicando a segunda oradora que, convém frisar a diferença entre aceitação e tolerância. Na sua perspectiva, os homossexuais masculinos não são tolerados muito menos aceites, no entanto existe uma fantasia sexual por parte dos



homens para ter uma relação sexual com duas mulheres, levando a que as lésbicas sejam toleradas enquanto parte dessa fantasia não implicando contudo que haja uma aceitação.

Durante a palestra foram debatidos outros temas, considerados fracturantes como o casamento homossexual. Relativamente a este assunto as oradoras explicaram que os homossexuais apenas querem adquirir os mesmos direitos que os heterossexuais, pois são pessoas reais e iguais, apenas com uma orientação diferente.

Desde 2001 é possível viver em união de facto com alguém do mesmo sexo em Portugal, contudo, o parceiro não tem qualquer tipo de benefício no que remete para visitas hospitalares, prisionais ou heranças.

Aliado ao casamento surge sempre a questão da adopção de crianças, sendo a que assume mais negatividade sob o ponto de vista dos heterossexuais pois possuem muitos preconceitos e estereótipos.

É mostrado à plateia a realidade de um casal do mesmo sexo que viva em união de facto não se poder candidatar conjuntamente para adoptar uma criança, contudo, qualquer homossexual solteiro pode.

Foi referido que a lei portuguesa não prevê que o parceiro(a) de um homossexual tenha qualquer direito sobre a criança que adoptou. Problemático é também o facto de ser possível adoptar conjuntamente uma criança em outro país, como é o caso da vizinha Espanha.

Estes temas têm sido bastante debatidos pela Sociedade Civil, pois são considerados como fracturantes, na medida em que dividem os indivíduos relativamente às suas opiniões. No entanto, denota-se uma maior abertura para o debate destas temáticas desde muito cedo, pois é nas escolas que este debate começa através de palestras LGBT.

Na percepção das duas oradoras, a camada mais idosa da população, ao contrário do que se pensa, tem aceitado bem a homossexualidade assim como a camada mais jovem que inicialmente se mostra aberta à discussão e debate dos vários temas acabando por ficar a pensar no assunto, e por vezes não aceitando que determinados comentários homofóbicos e preconceituosos sejam feitos na sua presença.

É de se notar que numa sociedade considerada conservadora e bastante tradicional, regida pelas normas socialmente adquiridas e estabelecidas, tem caminhado gradualmente num caminho de aceitação e abertura a novas questões.



A pertinência sociológica da palestra é fundamentada pela premência de desconstruir as ideias preconcebidas em redor da homossexualidade, não raras vezes, aceites como verdade absoluta sem um questionamento e auto-reflexividade prévia, convertendo-se a posteriori em tabus sociais difíceis de erradicar.

Deste modo, a incursão por alguns dos temas fracturantes que se encontram em redor da homossexualidade, reforça a consciência do longo caminho que ainda há por percorrer no combate à discriminação e estigmatização destes, na defesa do direito à plena vivência dos afectos e da sexualidade, bem como do muito que ainda há por conquistar no campo da cidadania e da promoção da dignidade humana.

Todas as questões por nós preparadas para a entrevista acabaram por ser desenvolvidas no decorrer da palestra o que achamos interessante, uma vez que foi notório a participação da plateia no debate constante, mostrando-se interessada, receptiva e curiosa, no sentido de querer saber mais e de ver esclarecidas todas as suas dúvidas. Apesar de ter existido em alguns momentos divisão de opiniões, acabaram por se tornar construtivas e essenciais para o dinamismo desta palestra e do próprio projecto.

8.2. Inquéritos por Questionário

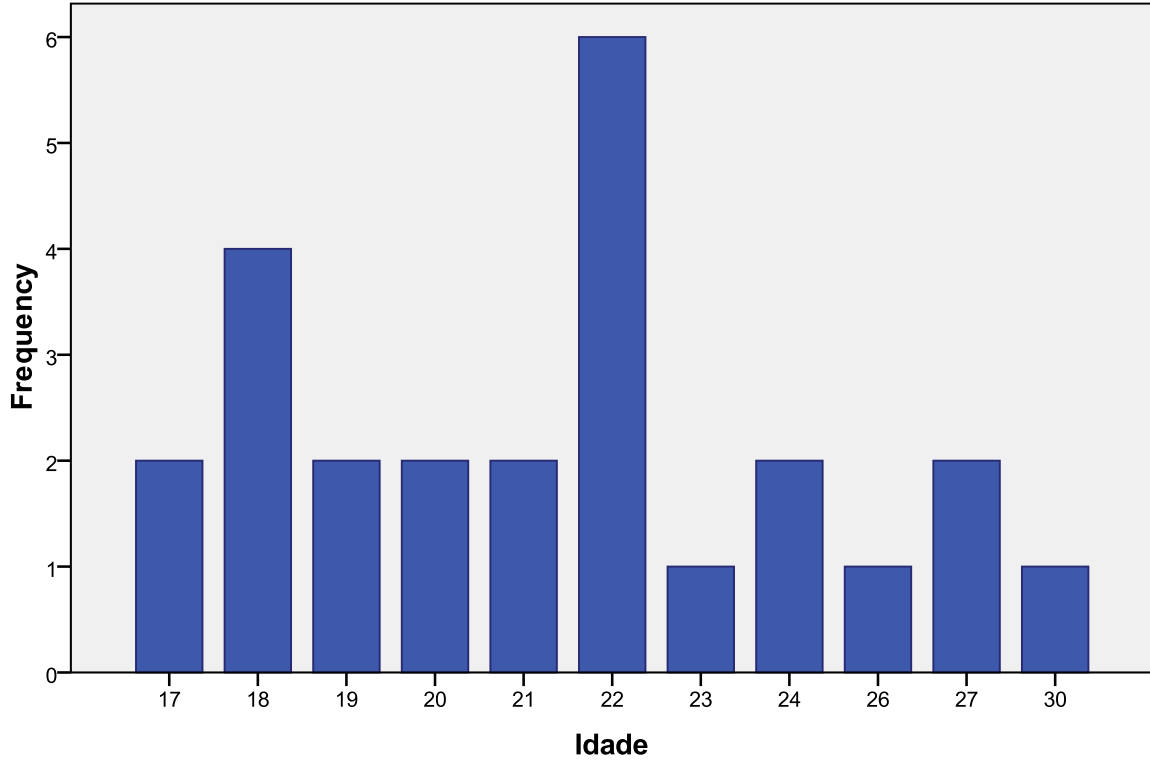
Na sequência do nosso projecto a investigação empírica desenvolvida teve por base um conjunto de questões que foram remetidas consoante o nosso objecto de estudo.

Analisamos duas zonas distintas relativamente à sua dimensão demográfica e localização geográfica. Deste modo, a distribuição das zonas remete para Lisboa e Évora, sendo que apenas 25 inquéritos foram respondidos, 6 de membros da rede ex aequo de Évora e 19 da rede ex aequo de Lisboa.

Tendo em conta a distribuição por sexo, 13 dos inquiridos são do sexo masculino e os restantes 12 são do sexo feminino com uma distribuição por idades diversificada.



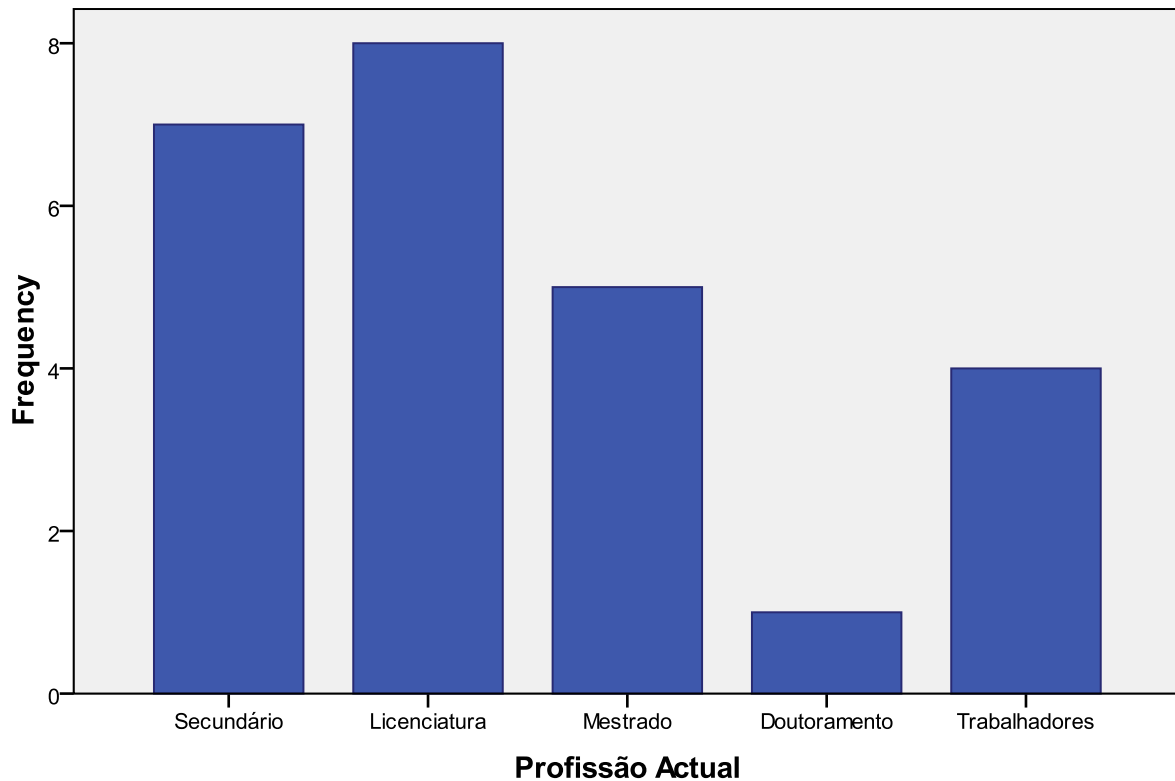
Figura 1: Distribuição por Idades



Os inquiridos são maioritariamente estudantes, tanto do ensino secundário como do ensino superior apresentando-se apenas 4 como trabalhadores. Esta realidade é perceptível tendo em conta que são membros locais da rede ex aequo destinada sobretudo a jovens homossexuais.



Figura 2: Distribuição por Profissão Actual

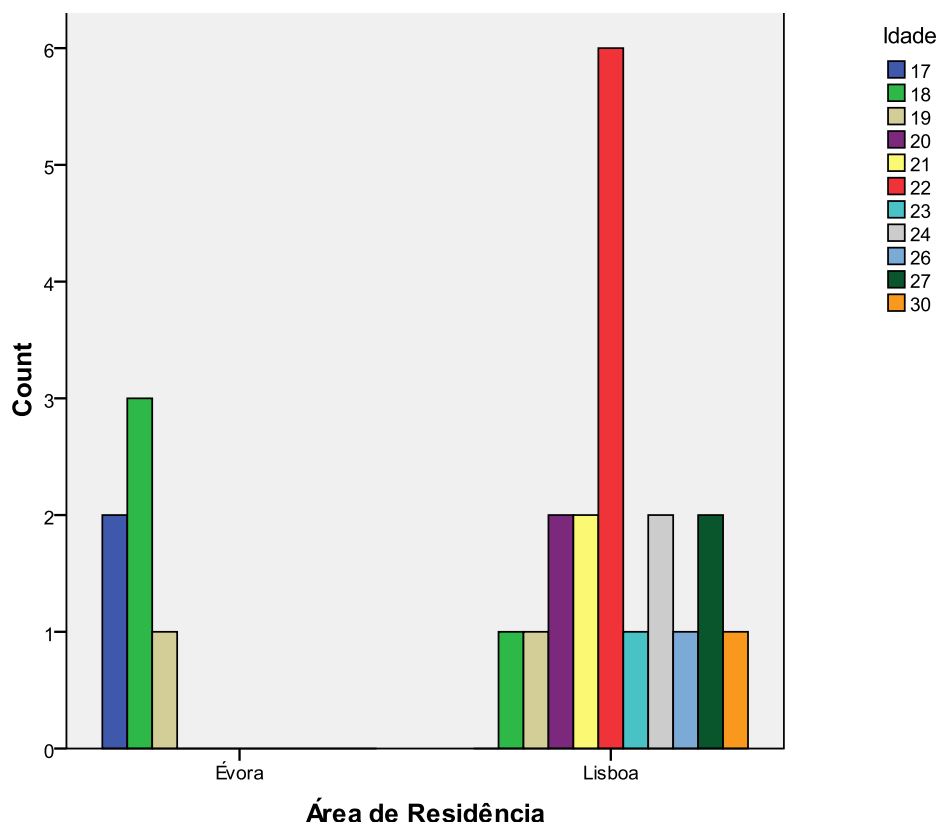


Os 25 inquéritos foram distribuídos por zonas sendo que em Évora dos 6 inquiridos, 3 destes têm uma idade de 18 anos, sendo os 2 elementos mais novos com uma idade de 17anos e 1 indivíduo de 19 anos. Já em Lisboa, onde foram inquiridos 19 jovens, a idade que predomina ronda os 22 anos, sendo que o inquirido mais novo tem uma idade de 18 anos e o mais velho 30 anos. Verifica-se assim que na área litoral da grande Lisboa há uma maior diversidade de idades dos jovens em comparação com Évora.

Torna-se pertinente referir que do contacto com ambas as redes locais, a predisposição do número de jovens a responder foi significativa em Lisboa, já em Évora, dos 10 inquéritos enviados, apenas sei foram respondidos a jovens com as idades mínimas de pertença à rede, tendo em conta a localização das duas zonas poderá existir influência social na abertura e predisposição para falar do assunto mesmo em contexto de anonimato.



Figura 3: Distribuição das idades por áreas de residência



De toda a diversidade de idades encontradas nos mesmos que responderam ao inquérito, uma conclusão a que se chega é que quanto mais tarde for a descoberta da orientação sexual, mais rápida é a sua aceitação. No sexo feminino verificou-se que a média de idades com que descobriu a orientação sexual foi aos 16 anos, já no sexo masculino a descoberta dá-se mais cedo, entre os 10 e 15 anos.

Um dos processos pelo qual muitos dos homossexuais vivem é as dúvidas que surgem inicialmente em relação à sua orientação sexual.

Dos nossos inquiridos, verifica-se que dos 13 pertencentes ao sexo masculino, 6 respondem que sentiram dúvidas em relação à descoberta da sua orientação sexual sendo que 7 indivíduos respondem que não tiveram dúvidas. Já no caso do sexo feminino verifica-se o oposto, onde das 12 inquiridas, 9 dizem já ter sentido dúvidas aquando da descoberta da sua orientação sendo que apenas 3 das jovens dizem não ter tido dúvidas.

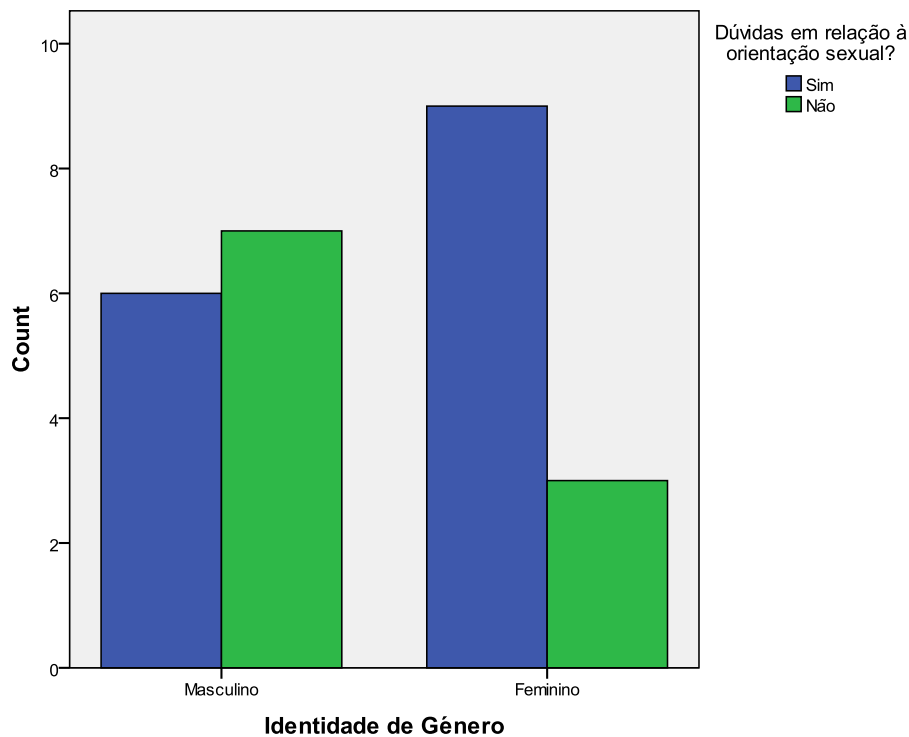
As dúvidas iniciais surgem direccionadas com o sentimento de desejo sentido por pessoas do mesmo sexo, não só o desejo provoca esta incerteza mas também a paixão



que alguns dos indivíduos acabam por sentir, e até mesmo na iniciação da vida sexual a escolha do parceiro para o acto pode não ser o desejado.

Deste modo, dos 15 inquiridos que responderam sentir dúvidas aquando da descoberta da sua orientação, denota-se que 4 destes justificam a sua dúvida através do desejo que surge por indivíduos do mesmo sexo, 3 outros elementos colocam a dúvida perante o facto de sentirem paixão por um indivíduos do mesmo sexo, sendo que 5 inquiridos dizem ter sentido dúvidas na altura em que sentiram atracção e, apenas acção e 1 dos inquiridos diz ter sido devido à sua iniciação sexual.

Figura 4: Cruzamento das variáveis, dúvidas em relação à descoberta da orientação sexual e a identidade de género



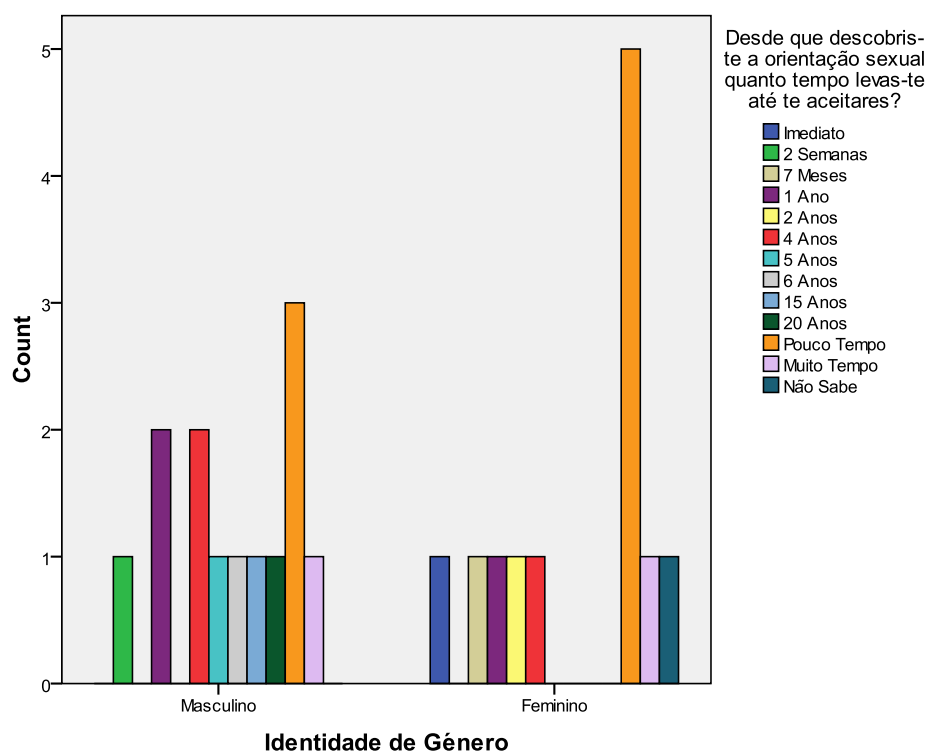
Verifica-se no âmbito da relação do sexo com o tempo que o indivíduo levou a aceitar-se como homossexual que existe alguma diferença entre o sexo masculino e o feminino, sendo que das 12 jovens raparigas inquiridas, 5 delas dizem ter levado pouco tempo a assumir-se desde a descoberta da sua orientação sexual. Já no caso dos jovens rapazes inquiridos como se pode observar existe mais variância de resultados, em que 3 jovens consideram igualmente que levaram pouco tempo para assumir-se, 2 referem que levaram um ano para que tal acontecesse e outros 2 dizem ter levado 4 anos. De modo



geral, verifica-se que os rapazes tomam mais tempo para se assumirem e aceitarem individualmente, uma vez que as raparigas como se denota pelo gráfico diversificam-se mais e levam menos tempo.

Isso pode ter como resultado a sociedade machista presente em Portugal, consequência de toda uma socialização.

Figura 5: Cruzamento das variáveis, aceitação individual e a identidade de género



Já no que se refere ao indivíduo assumir-se perante os outros segundo a sua identidade de género, verifica-se que existe uma relação muito semelhante entre o sexo masculino e o feminino. Denota-se então que nos jovens do sexo masculino, 9 elementos dizem ter assumido já a sua orientação sexual perante os outros sendo que apenas 4 referem ainda não ter assumido. Nas raparigas a situação repete-se, isto é, 10 jovens dizem já ter assumido perante os outros a sua orientação sexual sendo que apenas 2 raparigas dizem ainda não o ter feito.

Isto deve-se ao facto de na nossa sociedade ainda existir um sentimento de homofobia e preconceito ao que nos é desconhecido e tido como não normativo, sendo



que destes indivíduos apenas 11 se assumiram perante os outros na mesma altura que se assumiram para consigo.

Dos 5 jovens inquiridos do sexo masculino, 2 deles presenciaram na sua fase de afirmação situações com reacções positivas sendo que os restantes 3 elementos dizem ter assistido tanto a boas reacções como a mais negativas. No caso das jovens inquiridas verificam-se 4 elementos com reacções positivas sendo que apenas 2 jovens dizem ter presenciado os dois tipos de reacção em simultâneo.

Não é referenciado unicamente reacções negativas uma vez que os inquiridos explicam que entre os grupos a quem se assumiu, essencialmente pais e amigos, as reacções são diversificadas. No grupo familiar apontam para reacções de afastamento, tristeza, não-aceitação e compreensão, contudo, vêem no grupo dos amigos a aceitação e apoio, independentemente da reacção inicial ser de algum espanto.

Destes mesmos 11 inquiridos que se assumiram perante si próprios e os outros verifica-se que 1 elemento é de Évora e diz ter havido reacções positivas assim como os restantes 10 indivíduos de Lisboa com situação idêntica, onde 5 inquiridos dizem ter havido na sua cidade reacções positivas e outros 5 dizem que assistiram aos dois tipos de reacção.

Ainda se pode referir que para ambos os sexos é entre os 21 e os 24 anos que se encontram presenciadas os dois tipos de reacção, sendo as outras idades acompanhadas por reacções de aceitação.

Para uma melhor percepção da realidade, foi questionado aos membros das redes locais a sua opinião sobre as características da sociedade portuguesa de modo geral, verificando-se que para ambos os sexos o melhor conceito que define a sociedade portuguesa perante a aceitação social da homossexualidade é o preconceito.

Grande parte dos inquiridos consideram também ser uma sociedade adversa, ou seja, é contraditória no que toca às opiniões acerca da homossexualidade, é ainda para o sexo masculino uma sociedade homofóbica, são os homens que caracterizam a sociedade com mais negatividade podendo se encontrar relacionado com o facto de os homens serem mais discriminados que as próprias mulheres.

Quanto à comparação entre as duas cidades onde se encontram inseridos, como é o caso de Évora e Lisboa, verifica-se que a cidade de Évora aos olhos destes



homossexuais é mais preconceituosa que Lisboa sendo que nesta, a sociedade quanto à aceitação social é vista como adversa.

Dos inquiridos, 5 elementos dizem que aceitação é boa e 3 dizem que é bastante tolerante, havendo ainda deste modo algum grau de preconceito e homofobia que é frisado por 4 e 2 elementos respectivamente.

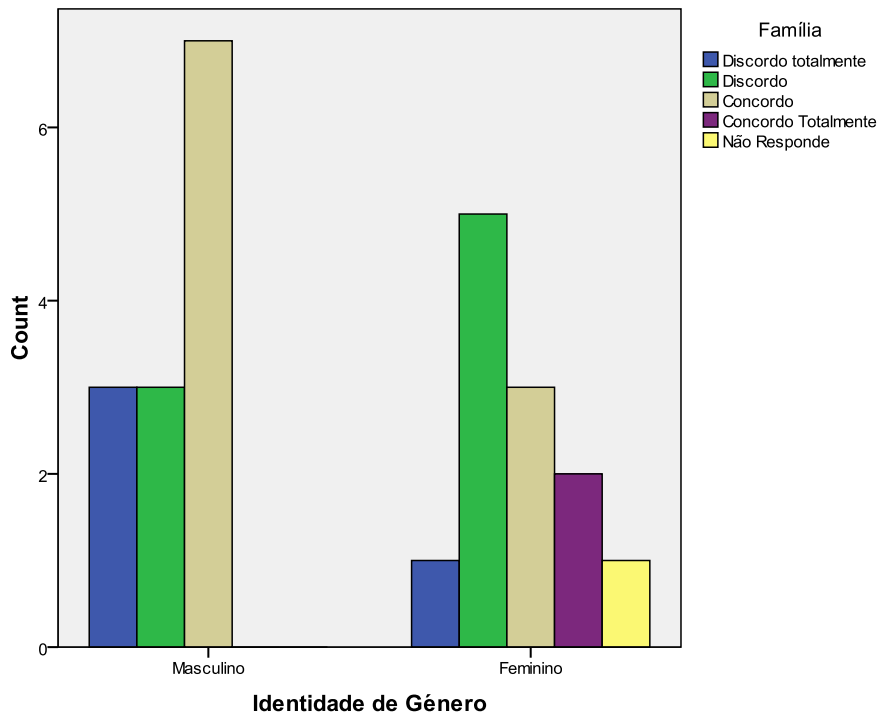
Na perspectiva geral dos membros locais da rede ex aequo, através não só da verbalização como da própria acção do dia-a-dia, estes caracterizam a sociedade onde residem como sendo ainda “discriminatórias”, “ignorantes”, “intolerantes”, “preconceituosas”, “homofóbicas”, com algum grau de “curiosidade”, “rígida”, “retrógrada”, “medrosa”, “desinformada”, “heterossexista”, e muito “crítica”.

De acordo com a análise efectuada, é perceptível que os homossexuais quando decidem assumir-se o fazem predominantemente ao grupo que engloba a família próxima, a família extensiva, os amigos /colegas e as associações. No entanto, a grande maioria destes homossexuais, desde os masculinos como os femininos considera que a família não é o principal núcleo para a decisão da sua afirmação. Especificamente é de relevância o facto de o sexo masculino considerar a família como o núcleo central de apoio ao seu coming out, já no sexo feminino a predominância de opinião incide sobre o discordar.

A razão desta escolha prende-se com o facto de para muitos homossexuais ser mais fácil assumir-se primeiro para si próprio ou para os grupos de pares que compõem o seu círculo de amigos a sua orientação sexual. As associações de homossexuais existentes pretendem acima de tudo desmistificar o que é a homossexualidade, esclarecendo dúvidas e dando apoio àqueles que recorrem a si. Muitas vezes, este apoio é feito com base em fóruns on-line em que cada indivíduo troca experiências a cerca da sua orientação sexual e fala disso abertamente sem se sentir pressionado e discriminado por ser homossexual.

Apesar de todos os meios que o homossexual tem para se assumir e que o ajudem nessa acção, o primeiro passo terá de partir dele próprio, pois enquanto ele não se assumir perante si, a sociedade também não o irá fazer.

Figura 6: Cruzamento das variáveis, identidade de género e a opinião sobre a família ser o núcleo principal para que se afirmem como homossexuais



No inquérito por questionário realizado aos 25 inquiridos foi perguntado se de acordo com a sua orientação sexual quem seria melhor aceite na sociedade se os gays ou as lésbicas. As respostas são apresentadas no gráfico anterior e é visível que tanto o sexo masculino como o sexo feminino consideram que as lésbicas são melhor aceites socialmente do que os gays.

Na verdade esta situação não é assim tão linear quanto possa parecer, pois as respostas apresentadas têm como justificação os seguintes tópicos:

- As lésbicas não são mais aceites, mas sim mais toleradas quando comparadas com os gays;
- As lésbicas são mais toleradas na sociedade actual, pois são associadas à uma fantasia sexual – o mesmo homem ter uma relação sexual com duas mulheres ao mesmo tempo;



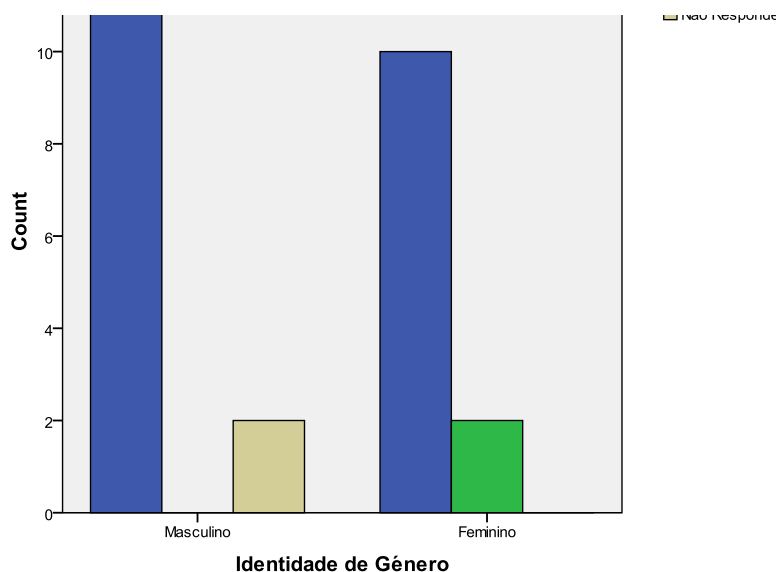
- Os gays não são aceites e muito menos tolerados, pois são alvo de comentários bastante pejorativos e preconceituosos;

Através do discurso da rede e do senso comum, pode-se ainda considerar a socialização dos indivíduos como um factor relevante na aceitação social de gays e lésbicas. Na generalidade dos casos as mulheres raramente são conotadas com juízos de valor se forem vistas de mãos dadas na rua, pois desde sempre se assistiu a esse tipo de atitudes da sua parte devido à socialização a que eram submetidas. Por oposição se dois homens forem vistos de mãos dadas na rua são imediatamente atacados com uma série de comentários de carácter discriminatório.

Sociologicamente temos em conta que a percepção que cada um tem sobre determinado facto, é sempre influenciada pelo meio em que se encontra inserido.

Como já foi referido, o facto do sexo feminino estar relacionado com a predisposição de carinho, afecto e afinidade para com ambos os sexos, conduz possivelmente à melhor apreensão e indiferença quando estas se expõem do que o sexo masculino que é tido em padrões completamente diferentes daqueles que os homossexuais acabam por transmitir.

Figura 7: Cruzamento de variáveis, identidade de género e a percepção de qual dos dois é melhor aceite socialmente.

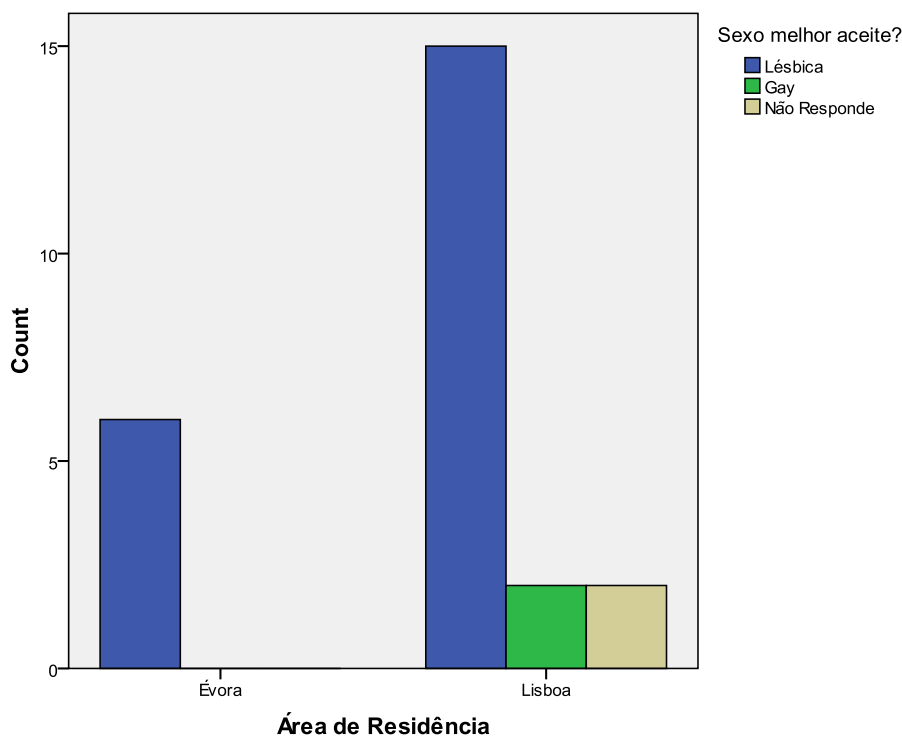




Neste sentido, tornou-se pertinente questionar sobre qual o sexo que seria melhor aceite consoante a sua área de residência. Assim, tanto em Évora como em Lisboa as lésbicas são o sexo melhor aceite socialmente, este gráfico tal como o anterior, confirmam uma das hipóteses do nosso projecto que tinha como objectivo perceber se existiam diferenças na aceitação social entre gays e lésbicas.

Como foi referido no gráfico anterior as lésbicas são mais toleradas e melhor aceites quando comparadas com os gays, mesmo assim quando assumem a sua orientação sexual perante os outros são também alvo de críticas e de discriminação.

Figura 8: Cruzamento de variáveis, área de residência e a percepção de qual dos dois é melhor aceite socialmente.



Ao longo do projecto foi estabelecido um contacto permanente com a rede ex aequo como meio de esclarecimento de algumas dúvidas e para os manter informados acerca do desenvolvimento do nosso trabalho de investigação.

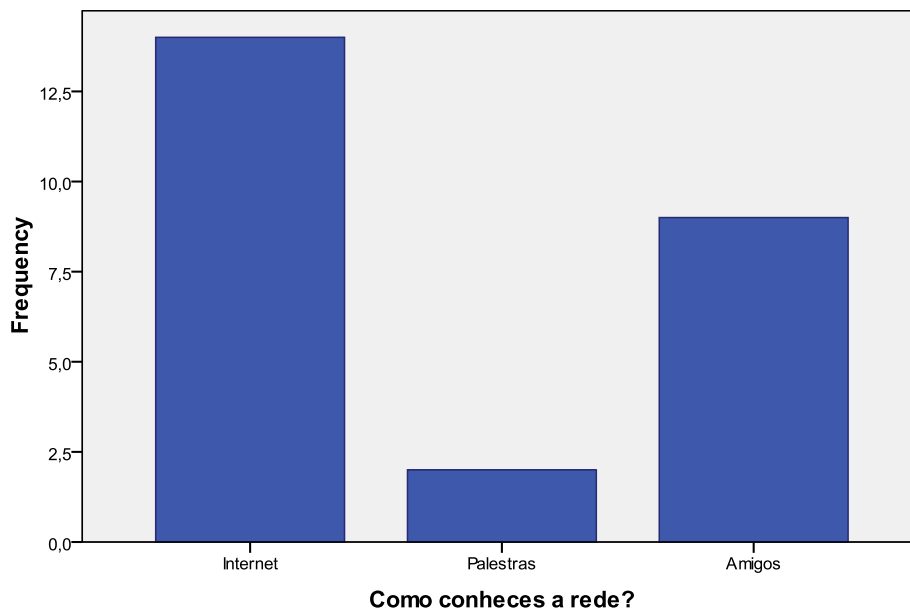
Sendo a população estudada homossexual e sendo a amostra pertencente a membros de uma das associações homossexuais, dividida por duas redes locais por nós



escolhidas, a rede ex aequo local de Évora e a rede ex aequo local de Lisboa, tornou-se pertinente questionar de que forma os inquiridos tiveram conhecimento da rede, e é notório que o principal meio de conhecimento foi através da internet e em segundo lugar os amigos.

A rede ex aequo possui um fórum on-line que actualmente conta com aproximadamente 8000 membros, é neste espaço que são trocadas experiências com outros jovens homossexuais, esclarecidas dúvidas ou simplesmente um espaço de mera curiosidade por parte de indivíduos heterossexuais.

Figura 9: Representa as vias pelas quais conheceram a rede ex aequo

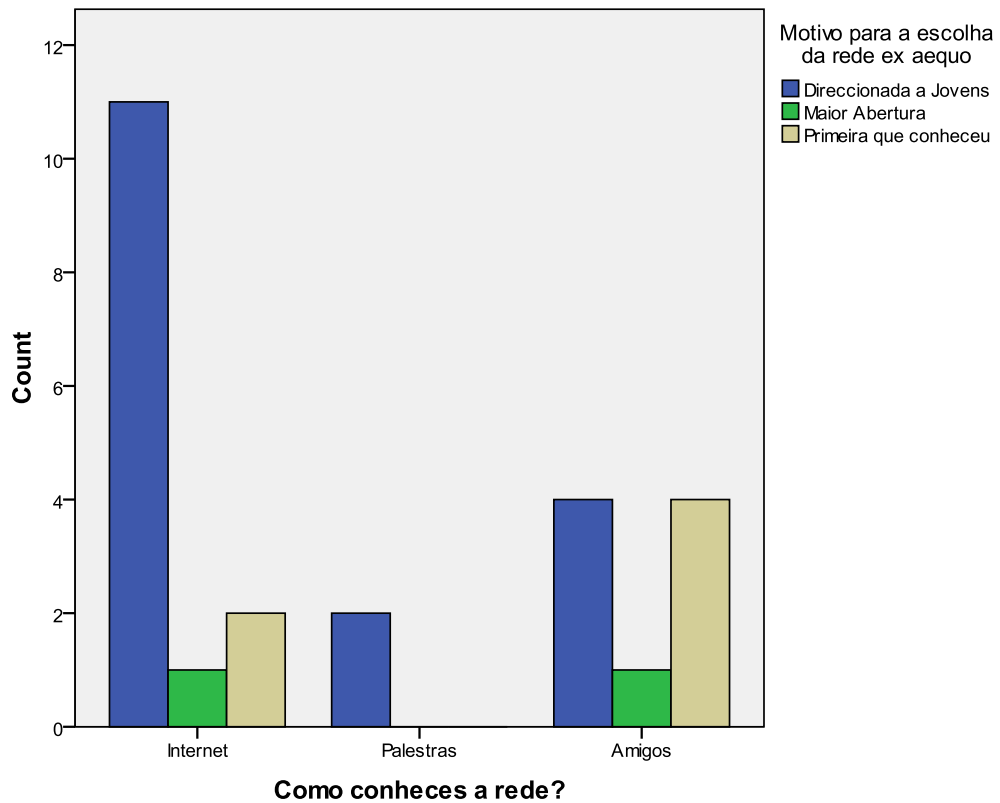


No presente gráfico é possível estabelecer uma relação entre a forma como os inquiridos conheceram a rede ex aequo e qual o motivo para a sua escolha. Neste sentido e como já foi dito anteriormente a maioria dos indivíduos têm conhecimento desta rede através da internet devido ao seu fórum de debate sobre questões relacionadas com a orientação sexual.

O conhecimento e a escolha derivam seguidamente do facto de esta rede ser uma associação mais direccionada para os jovens.



Figura 10: Cruzamento entre as variáveis, vias pelas quais conheceram a rede ex aequo e o motivo que levou a essa escolha.



Dos 25 inquiridos, a maioria dos membros da rede ex aequo, independentemente da idade, começaram a frequentar as actividades e reuniões da mesma entre os anos de 2008, 2009 e 2010. Tendo o membro mais antigo entrado no ano de 2004.

Deste grupo apenas 5 dos indivíduos, 3 masculinos e 2 femininos, não sentiram que o facto de pertencer à rede ex aequo teve algum tipo de influência na sua vida.

A discriminação e preconceito sentido por parte da sociedade aos homossexuais têm sido patentes nas temáticas actuais sobre a doação de sangue gay, a adopção de crianças por casais homossexuais, o Casamento e ainda a doença SIDA.

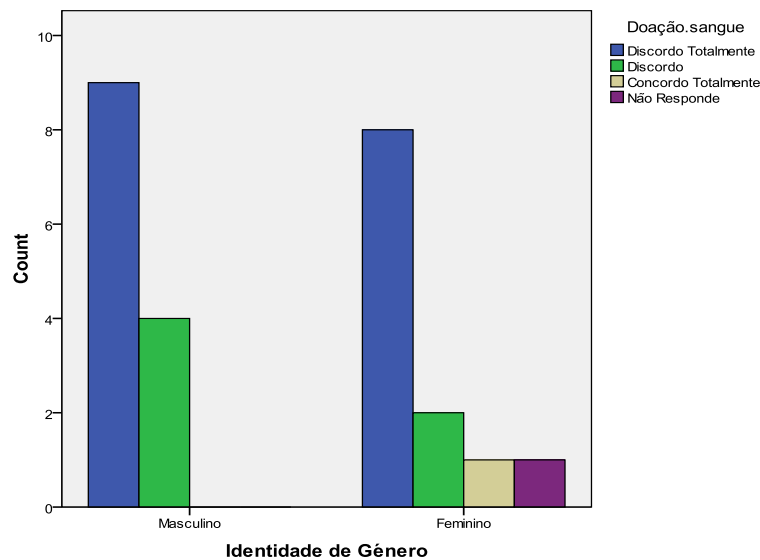
Iniciando na percepção da doação de sangue, esta acção é um bem necessário para a sociedade e tem vindo a tornar-se imprescindível que todos indivíduos contribuam, no entanto a discriminação com base no género e na orientação sexual é um facto relevante.



Actualmente em Portugal não é permitido aos homossexuais masculinos doar sangue pois segundo as declarações do Presidente do Instituto Português do Sangue, os gays possuem comportamentos de risco. É pois aqui que surge a discriminação por género e por orientação sexual uma vez que as lésbicas não são consideradas como portadoras de comportamentos de risco.

Na análise efectuada sobre este tema aos membros da rede, perguntámos se concordavam ou não com a não permissão de os gays doarem sangue devido à ideia generalizadora de que todos eles têm comportamentos de risco. Nas respostas obtidas, tanto no sexo masculino como no sexo feminino, prevaleceu o discordo totalmente seguido do discordo, tendo o seu fundamento na explicação de que todos os indivíduos, independentemente de serem homossexuais ou heterossexuais, podem ter comportamentos de risco, não sendo este exclusivo dos gays.

Figura 11: Cruzamento entre as variáveis, identidade de género e o grau de concordância da negação da doação de sangue gay.



Neste sentido, é relevante questionar o que a Ministra da Saúde e o Presidente do Instituto Português do Sangue entendem por comportamentos de risco, já que todos os indivíduos independentemente da sua orientação sexual, género, idade ou estatuto social



os podem ter. Tendo em conta que o sangue é submetido a análise depois das colheitas, qual o motivo que impede os gays de doar o seu sangue sabendo que não teve comportamentos de risco? Numa altura em que se fazem apelos para todos doarem sangue pois existe falta deste, quantas vidas não serão postas em causa se este preconceito se mantiver?

São estas questões que surgem perante problemas criados e não distanciados de uma sociedade que se continua a mostrar discriminatória e preconceituosa.

No que diz respeito à questão da adopção de crianças por parte de casais do mesmo sexo, a temática torna-se bastante discutível.

É um tema que precisa ser debatido com mais rigor em Portugal, não só no que remete à adopção por parte de heterossexuais mas também por parte de homossexuais. Esta é uma das próximas etapas da luta dos homossexuais, uma vez que a vitória sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi vencida há relativamente pouco tempo.

No que respeita à adopção de crianças por parte de homossexuais a lei portuguesa é um pouco ambígua, na medida em que permite que um homossexual que não viva em união de facto ou que não seja casado possa adoptar uma criança de forma singular. No entanto, se um homossexual quiser adoptar conjuntamente com o seu companheiro (a) não o poderá fazer. É relevante salientar que mesmo que uma criança seja adoptada por um homossexual que possua um companheiro(a) esse não terá qualquer direito sobre a criança na eventualidade de acontecer algo a quem a adoptou. A solução encontrada por alguns destes casais é adoptar conjuntamente uma criança recorrendo a um país estrangeiro, como por exemplo em Espanha onde a lei, contrariamente à de Portugal permite a adopção conjunta.

Assim sendo, torna-se legítimo questionar até que ponto será viável adoptar uma criança se existe sempre a possibilidade de ela voltar para a instituição onde se encontrava aquando da adopção? Nesta situação será tido em conta o supremo interesse da criança? Qual será o melhor futuro para uma criança institucionalizada, ser adoptada por um casal homossexual ou correr o risco de nunca ser adoptada?

Na análise efectuada sobre este tema aos membros da rede, perguntámos se concordavam ou não com o facto de que as crianças devem ter um pai e uma mãe e não dois pais ou duas mães.

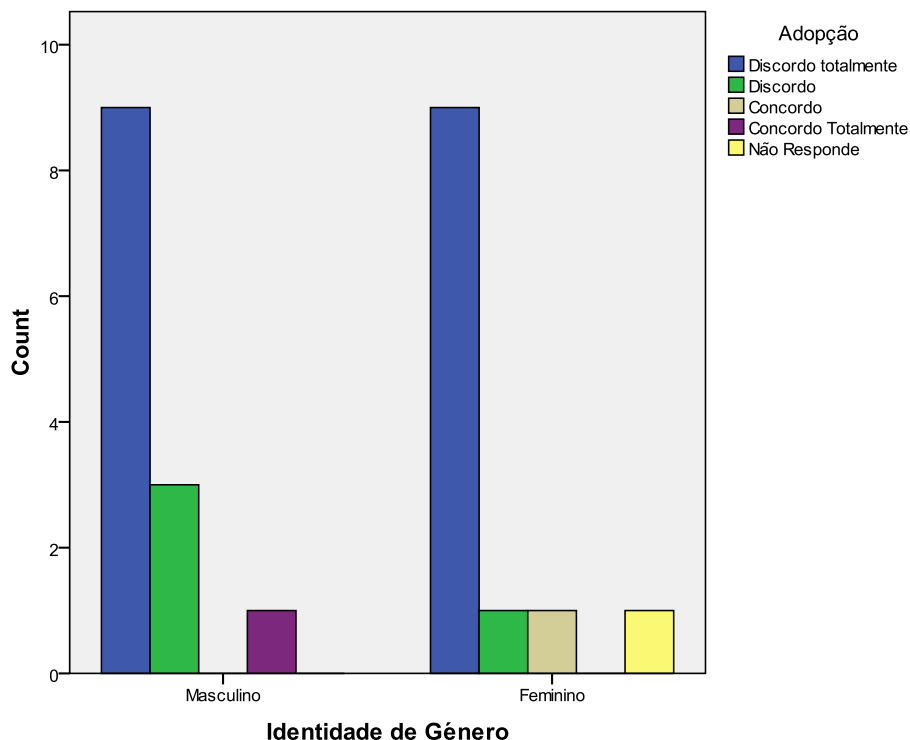


Sobre este tema fracturante, observamos uma maioria significativa dos indivíduos, tanto do sexo masculino como do feminino, que discordam totalmente desta concepção.

Para estes, a criança institucionalizada deve poder ter uma família que lhe mostre afecto, carinho, dedicação, educação e segurança, tanto através de casais heterossexuais como de homossexuais, porque desde que a família seja equilibrada e reúna as condições necessárias tornam-se à partida um bem precioso para estas crianças.

Contudo existe apenas um dos membros que concorda totalmente e outro que concorda, recorrendo à explicação que, não se trata propriamente de o casal ser homossexual, mas sim da percepção preconceituosa e discriminatória que a sociedade tem e que pode vir a afectar a vida das crianças nesta situação.

Figura 12: Cruzamento entre as variáveis, identidade de género e o grau de concordância da adopção de crianças por um casal do mesmo sexo.



Esta temática necessita de ser bastante abordada não só em contexto de Assembleia da República mas também junto da Sociedade Civil. Pedro Passos Coelho, o actual líder do PSD reconhece que “a homossexualidade ou a heterossexualidade não



tem de ser um critério para a adopção. Quando avaliamos as condições em que determinada pessoa deve poder adoptar, o critério não é saber qual é a sua orientação sexual. Deve-se saber se tem ou não tem condições de estabilidade emocional, maturidade, autonomia financeira...”

Um outro tema por nós abordado foi o casamento homossexual, um dos mais falados e assistidos pelos media provocando o debate público.

O casamento entre pessoas do mesmo sexo, foi deste modo um dos temas mais debatidos em Portugal nos últimos meses, no entanto foi longo o caminho percorrido pelos homossexuais para a sua concretização.

Remota ao ano de 2001 a aprovação da lei que permitia viver em união de facto com uma pessoa do mesmo sexo, contudo só em 2009 o casamento homossexual faz parte da agenda política do Partido Socialista.

Muitos debates foram surgindo em torno deste tema e só em 17 de Maio de 2010 a lei é promulgada pelo Presidente da República, entrando em vigor no dia 5 Junho de 2010. Assim no dia 7 de Junho do mesmo ano, Teresa e Helena consagram o primeiro casamento civil entre pessoas do mesmo sexo em Portugal, após quatro anos de luta pela igualdade.

Na análise efectuada sobre este tema aos membros da rede, perguntámos se concordavam ou não com a ideia de que em caso de referendo o casamento homossexual não seria aceite.

Apresentado nos resultados obtidos uma predominância do concordo seguida do concordo totalmente, em ambos os sexos, o discordo apresentado nas respostas torna-se também ele significativo.

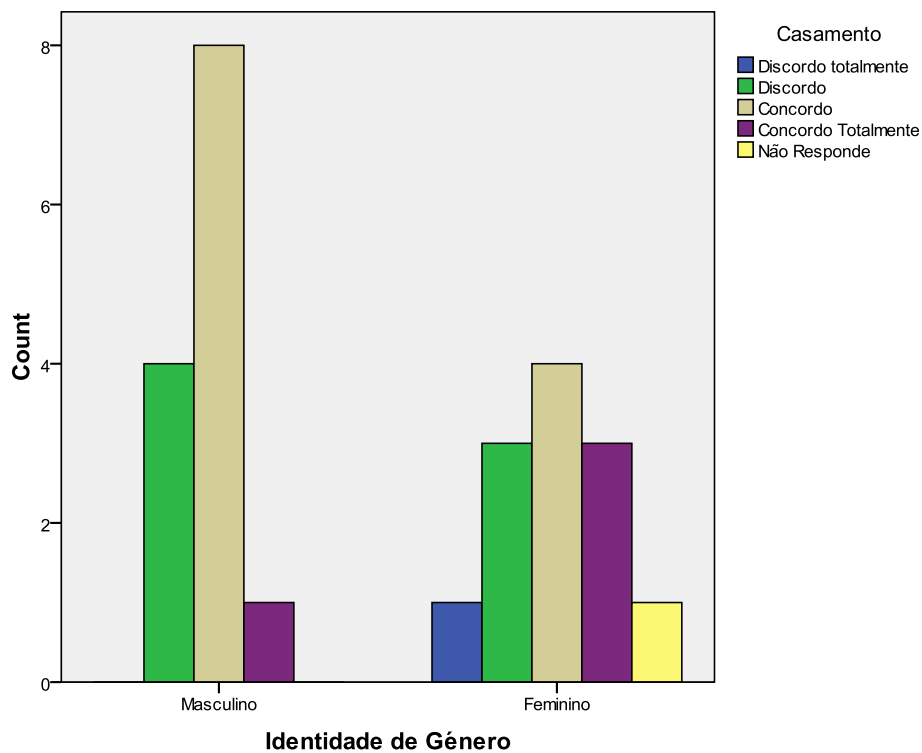
Aqui a análise e reflexão feita sobre a temática diversifica-se onde uns acreditam que a sociedade iria condenar os direitos humanos através de idealizações sem cabimento e preconceituosas, já outra parte dos inquiridos, acredita que a sociedade iria ponderar mais sobre o tema e na altura iria ser aprovado, não com uma grande significância contudo.

Para os homossexuais, o casamento civil homossexual é apenas uma formalidade, para demonstrar a uma sociedade maioritariamente heterossexual que são pessoas iguais às outras e que devem ter os mesmos direitos perante a lei.



Após tantos anos de luta, o casamento foi uma vitória, mas é apenas uma etapa, existindo muitas outras a vencer.

Figura 13: Cruzamento entre as variáveis, identidade de género e o grau de concordância de o casamento ser negado em caso de referendo.



A SIDA é uma doença já de algum tempo e inicialmente foi muito relacionada aos homossexuais devido á percepção de comportamentos de risco, relacionando tudo o que consideravam de desviante e negativo.

Actualmente a SIDA ainda existe, ainda afecta grande parte da população e ainda é associada aos homossexuais. Contudo, e seguindo estudos realizados, a grande percentagem de infectados pelo vírus HIV são jovens e idosos heterossexuais.

Na análise efectuada sobre este tema aos membros da rede, perguntámos se concordavam ou não que a SIDA é a doença dos homossexuais.

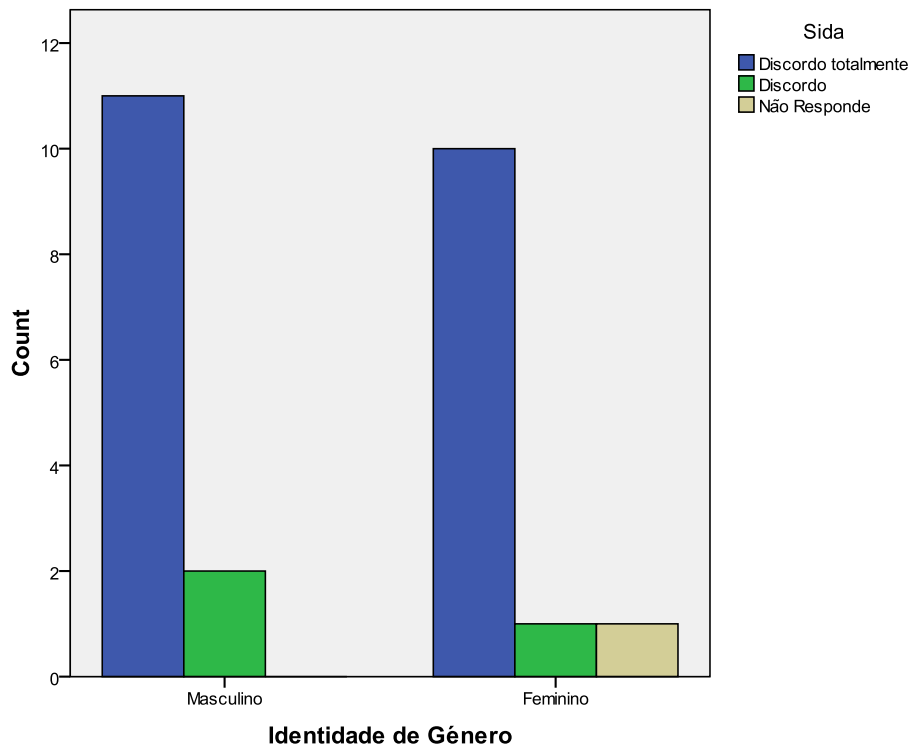
Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas.



Sem margens de dúvidas, apenas um inquirido não responde, incidindo todos os outros no discordo totalmente seguidamente do discordo.

Todos têm a percepção dos comportamentos de risco e que estes surgem em todas as orientações sexuais, assim como a SIDA. Defendem a sua resposta não só através deste facto mas também tendo a noção dos estudos actuais sobre os afectados.

Figura 13: Cruzamento entre as variáveis, identidade de género e o grau de concordância sobre a SIDA ser a doença dos homossexuais.





9. Reflexão metodológica

A escolha de um método e de uma técnica para um trabalho de investigação deve ser feita da forma mais coerente possível e tendo sempre em conta o projecto que irá ser desenvolvido. Uma técnica errada pode pôr em causa toda uma investigação e até condicionar os resultados finais.

No decorrer do nosso projecto de investigação verificamos que os métodos e as técnicas inicialmente escolhidas mostraram divergências quanto à sua eficácia para o objecto de estudo.

A palestra, surgiu posteriormente ao delineamento da metodologia, o que se tornou uma mais-valia, pois através desta foi possível esclarecer alguns dos conceitos com os quais trabalhamos, sendo possível realizar duas entrevistas às colaboradoras. Estas entrevistas foram importantes porque permitiram-nos confrontar certas informações com os dados recolhidos através dos inquéritos.

A escolha dos inquéritos por questionário foi a nossa única possibilidade, contudo, concluímos que não foi a técnica mais adequada para o cariz desta investigação.

O maior obstáculo encontrado na aplicação dos inquéritos foi o tempo que demorou desde o envio para os grupos locais até ao recebimento dos mesmos. Neste tipo de investigação as datas são bastante importantes contudo, devido ao modo como os questionários foram distribuídos fez com que a distância/tempo se tornasse um entrave no desenvolvimento do projecto.

Outra das dificuldades sentidas, mais concretamente no grupo de Évora, foi a falta de orientação da nossa parte no momento do preenchimento dos inquéritos pelos membros da rede ex aequo. A amostra era relativamente jovem e houve pouca adesão ao nosso pedido, o que nos leva a concluir que algumas das respostas/não respostas foram influenciadas pelo facto de não terem sido esclarecidas no momento da aplicação do inquérito.

No entanto temos em consideração que alguns dos indivíduos se sentem mais desinibidos ao responder a este questionário de forma isolada e anónima devido à complexidade do tema do que se nós estivéssemos presentes aquando da distribuição



dos questionários ou se por exemplo, a recolha de dados fosse feita através de um inquérito por entrevista.

Concluimos portanto, que independentemente dos indivíduos pertencerem a um grupo, neste caso, rede ex aequo, nem todos os membros se encontram assumidos para a sociedade que os rodeia, existindo ainda outros para quem a homossexualidade é ainda bastante recente.



10. Síntese Final

Na palestra realizada pela rede ex aequo no âmbito do nosso projecto de investigação foram debatidas algumas questões que circundam em torno da homossexualidade, como o preconceito, a discriminação, a doação de sangue, o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, a adopção de crianças por homossexuais, entre outros.

Neste sentido e em jeito de comparação com os dados recolhidos através dos inquéritos por questionário aos membros locais da rede ex aequo de Lisboa e Évora, é possível estabelecer uma ligação nos temas fracturantes com o que foi dito pelas oradoras e respondido pelos inquiridos.

No decorrer da palestra foi tido em conta a contextualização do tema, e o esclarecimento de alguns dos conceitos mais presentes e utilizados como a discriminação, preconceito, a homossexualidade e outras orientações sexuais, alguns exemplo de percurso de vida.

Com o aproximar do fim da palestra, os temas homossexuais mais fracturantes suscitaram o debate entre o público e as oradoras, iniciando-se pelo casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

Ao debater sobre este tema, as oradoras alertaram para o facto de esse assunto se encontrar ainda em ponderação pelo Presidente da República, no entanto a lei já foi aprovada no passado dia 17 de Maio de 2010 e entrou em vigor no dia 5 de Junho de 2010. Foi também frisado que em Portugal era possível viver em união de facto desde 2001 com uma pessoa do mesmo sexo, no entanto, não existiam qualquer tipo de benefícios a nível legal para o companheiro (a) de um homossexual que estivesse nesta situação. Relativamente a este assunto, os inquiridos tanto do sexo masculino como do sexo feminino concordam que caso o casamento entre pessoas do mesmo sexo fosse decidido por referendo não seria aprovado pela sociedade portuguesa, pois esta é ainda considerada como preconceituosa e homofóbica.

Na palestra e nos dados obtidos pelo inquérito, é sempre referido o casamento como uma vitória aos direitos humanos por parte dos homossexuais, mais do que a própria institucionalização da união.



No âmbito da adopção de crianças por parte de um casal homossexual surgem várias questões que devem ser debatidas e trabalhadas de forma mais intensiva de modo a se chegar a um consenso que seja razoável para os intervenientes. A lei portuguesa não prevê que um casal homossexual casado ou em união de facto se candidate a uma situação de adopção de forma conjunta, no entanto, qualquer homossexual desde que de forma singular pode adoptar uma criança em Portugal. As oradoras frisaram bem o facto de que em Espanha é permitido adoptar uma criança de forma conjunta, uma outra grande questão que se prende com este assunto é que a lei portuguesa também não prevê o que pode acontecer a uma criança adoptada por um homossexual de forma singular. Quando foi perguntado aos inquiridos se uma criança deve ter um pai e uma mãe e não dois pais e duas mães a resposta maioritária é discordo totalmente em ambos os géneros. Ou seja, todos os homossexuais consideram que será melhor para uma criança ter dois pais ou duas mães ao invés de não ter nenhuma família, esta resposta não é de todo descontextualizada pois existem estudos que demonstram que as crianças criadas e educadas no seio de uma família homossexual são mais estáveis a nível emocional e até social.

A discriminação que foi sendo abordada ao longo da palestra direcciona-se em vários sentidos, nomeadamente na associação da SIDA enquanto doença típica dos homossexuais mas também o facto de os gays serem impedidos de doar sangue, pois são associados a comportamentos de risco.

Relativamente à SIDA, actualmente dizer que é uma doença característica de homossexuais não faz qualquer sentido, na medida em que as estatísticas comprovam que a SIDA é uma doença que se encontra maioritariamente nos heterossexuais, nomeadamente nos jovens e nos idosos. Face a este assunto os inquiridos respondem que discordam totalmente quando a SIDA surge como doença associada aos homossexuais.

A doação de sangue é uma das questões fracturantes que também tem gerado alguma polémica, na medida em que se trata de uma discriminação para com os homossexuais masculinos, por serem considerados como possuidores de comportamentos de risco. Na palestra foi referenciado que esta é uma situação que não faz muito sentido, pois qualquer indivíduo pode ter comportamentos de risco independentemente da sua orientação sexual e se o sangue é todo analisado não é visível



qualquer impedimento para que os gays não possam doar o seu sangue. Assim sendo, também os inquiridos discordam totalmente com esta situação, partindo do mesmo pressuposto de que os comportamentos de risco estão presentes em todas as orientações e que esta rejeição trata-se exclusivamente de preconceito e discriminação.

Da análise ao conteúdo dos inquéritos realizados, é notória a influência da percepção e idealização de toda uma sociedade no que respeita aos papéis sociais de género e à norma, provocando assim diversidade na aceitação da homossexualidade e a vontade e coragem de se assumirem.

Resta nesta fase esclarecer sobre se as hipóteses apresentadas anteriormente como as linhas orientadoras da pesquisa podem ser infirmadas ou confirmadas através dos dados recolhidos da palestra, das entrevistas às oradoras e dos inquéritos por questionário aos membros da rede ex aequo.

Neste sentido, constatou-se que a hipótese que pretendia verificar se a invisibilidade social e a discriminação perante os homossexuais dificultam a sua aceitação social se confirma, uma vez que estes são considerados uma minoria e se encontram à margem da sociedade devido à indiferença e ao preconceito e, para que esta invisibilidade não ocorra e haja uma aceitação é necessário atenuar estes factores.

No entanto, denota-se um pequeno evoluir da sociedade portuguesa, pois demonstra uma nova abertura para o que se apresenta como desconhecido de forma a adquirir mais conhecimento. Mesmo assim, muitos dos jovens homossexuais são alvo de discriminação por parte de uma sociedade dotada de preconceitos e estereótipos, que fazem com que estes indivíduos, tenham atitudes extremas, como é o caso do suicídio.

É perceptível portanto, que não existe apenas um factor responsável pela dificuldade de aceitação dos homossexuais, mas sim um vasto conjunto de razões que interligadas formam as barreiras que os homossexuais têm de ultrapassar para ser aceites socialmente.

Relativamente às zonas estudadas e tendo em conta que a amostra de Évora não foi significativa devido a existirem apenas 6 inquiridos, tanto em Évora como em Lisboa, houve no caso individual de cada inquirido boas e más reacções relativamente ao coming out, contudo, a análise mostra que em Lisboa manifesta-se uma maior aceitação e predisposição para este assunto da homossexualidade do que em Évora.



Através das análises uni e bivariadas obtidas, podemos analisar que de maneira geral cada vez mais se tende a aceitar esta orientação sexual mas de forma muito residual, existindo ainda muito preconceito e homofobia sobre esta questão.

Os resultados obtidos através dos inquéritos, revelam que a aceitação social pode ser diferente nas diversas regiões do país, as opiniões e reacções variam de sociedade para sociedade neste caso diferente em Lisboa e em Évora.

Verificou-se ainda que tanto os gays como as lésbicas responderam que eram elas as mais aceites pela sociedade uma vez que eram mulheres, e que as mulheres sempre se encontraram direccionadas ao afecto e carinho independentemente a quem o mostrasse, assim, andarem juntas ou de mão dada não era motivo para ser alvo de críticas, sendo que também sempre houve uma idealização de carácter sexual perante estas. Apesar da menor visibilidade transmitida às mulheres, a socialização destas era direccionada para o amor, a afectividade, o carinho e nesse aspecto a sua visibilidade ganhava dimensão, já no caso dos homens a sua socialização sempre teve por base uma cultura machista, de poder e respeito por estes, as características consideradas mais femininas acabam por não ser bem vistas aos homens que as praticam.

Estes papéis de género nas sociedades eram adquiridos e determinados por cada sexo sem questionamento, pois era a norma socialmente aceite.

Através da revisão bibliográfica efectuada foi tido em consideração que ao longo do processo de descoberta e afirmação da sua orientação sexual, a família fosse pilar relevante no entanto, verificou-se que para a grande maioria destes homossexuais, a família não é o principal núcleo para a decisão da sua afirmação. Sendo ainda de salientar o facto de o sexo masculino ao contrário do sexo feminino considerar a família como o núcleo central de apoio para a sua afirmação. Podemos então verificar que esta hipótese não se confirma uma vez que não é a família que intervém como reforço essencial para a afirmação social destes indivíduos.

De breve modo, o projecto titulado de relações amorosas entre indivíduos do mesmo sexo: diferença e semelhança na aceitação social de gays e lésbicas, com base em toda a análise efectuada, mostra-nos que na actualidade e na percepção dos homossexuais existem diferenças no modo como a sociedade reage e expressa as suas opiniões perante o tema da homossexualidade, contudo, algumas dessas reacções e



expressões são partilhadas de modo semelhante por diversos grupos, tendo em conta o universo familiar, de amigos, colegas e mesmo contactos informais.

É de salientar que ao longo da investigação a aceitação não é algo que exista de todo no que respeita ao dualismo sociedade heterossexual e sociedade homossexual, a componente mais utilizada por estes últimos é a tolerância que recebem de alguns grupos.

Como o próprio título indica, as relações amorosas por parte de indivíduos do mesmo sexo é algo que mostra um longo caminho a ser percorrido no que se refere às opiniões pessoais de uma sociedade que se mostra diversificada relativamente ao modo de aceitar e tolerar e à distinção que expira entre casais masculinos e femininos.

Actualmente assistimos a uma sociedade que expõe as diferenças e semelhanças na aceitação e tolerância social dos indivíduos homossexuais.



Bibliografia

ALMEIDA, Miguel Vale de (1995) “*Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*” Fim de Século Edições, Lda.

BRANDÃO, Ana Maria (2000) “*Sexualidades e identidades – reflexões em torno de algumas questões de carácter epistemológico*”, APS.

DEMÉTRIO, José (2004), “*Homossexualidade*”, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Licenciatura em Sociologia, Coimbra, pp. 1-13

FLICK, Uwe (2005) “*Métodos Qualitativos na Investigação Científica*”, Monitor

FRAZÃO, Pedro. ROSÁRIO, Renata (2008) “*O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares*”, *Análise Psicológica*, 1 (XXVI), pp. 25-45

GIDDENS, Anthony (1995), “*Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*”, Oeiras, Celta.

GRANOFF. Wladimir, (1980), “*Problema de la perversion en la mujer*”, *Crítica*, Barcelona.

MENESES, Inês (2000), “*Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa*”, *Análise Social* 153, pp.933-955

MOREIRA, Nuno (2000), “*Conjugalidade Homossexual masculina – dinâmicas de relacionamento*”, APS.

LOURENÇO, Lara Cristina d’Avila (2005), “*Transferência e Complexo de Édipo, na Obra de Freud: Notas sobre os destinos da transferência*”, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Scielo, pp. 143-149



PAULOS. Rita, (2002), *“Descobrimo a sociedade rosa – Estudo Sociológico da conjugalidade homossexual ”*, Universidade da Beira Interior, Covilhã.

REDE ex aequo, (2005) *“Seremos Nós Próprios”*, Brochura informativa da rede ex aequo. pp. 1-63

REDE ex aequo, (2008), *“Perguntas e Respostas sobre: Orientação Sexual e Identidade de Género”*, Projecto Educação LGBT. pp.1-7

SANCHES, Andreia (2008), *“Que famílias são estas onde há dois pais ou duas mães?”*, Ponte Margem, Público. pp 1-7

SANDEFORT. Theo, (2000), *“Lesbian and Gay studies: na introductory, interdisciplinary approach”*, Sage, London.

SANTOS, Ana Cristina. FONTES, Fernando (2000), *“Descobrimo o Arco-Íris: Identidades Homossexuais em ”*, APS.

SHINMON, Fabiana Maria Alves de Oliveira (org.), (2008), *“Homossexualidade, psicanálise freudiana e pós-modernidade”*, Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, pp. 153-160

SILVA. Francisco Vieira da, *“Família, Individualização e Experiências da Homossexualidade em Portugal”*, CIES – ISCTE.



Sites

FERRAZ, Ana Luiza. “Opção ou Orientação Sexual?”,
<http://davidcorreiajunior.woedpress.com/2008/10/23/opcao-ou-orientação-sexual-ana-luiza-ferraz/> (Pesquisa a 23 de Dezembro de 2009)

ILGA, <http://www.ilga-portugal.pt/> (início da pesquisa a 29 de Outubro de 2009)

INE, “*Censos de 2001*”, <http://www.ine.pt> (Pesquisa a 20 de Novembro de 2009)

PÚBLICO, Jornal (2008) “Relações homossexuais são erradas para a maioria”,
<http://jornal.publico.clix.pt/pages/search.aspx?q=3+de+maio+de+2008> (Pesquisa a 11 de Fevereiro de 2010)

MENDONÇA, Carlos. “*Fundamentação dos princípios da invisibilidade*”,
http://tecsefa.blogspot.com/2009/01/cp4-1-fundamentao-dos-principios-de_15.html
(Pesquisa a 9 de Dezembro de 2009)

MOTT, Luiz. “*Em Defesa do Homossexual*”,
<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/luizmott/mott1.html> (Pesquisa a 18 de Dezembro de 2009)

PORTUGALGAY, “*Perguntas e respostas a Homossexuais*”, <http://portugalgay.pt/faq/>
(Pesquisa a 21 de Dezembro de 2009)

PRIBERAM, “*Dicionário da Língua Portuguesa*”,
<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=Amor> (Pesquisa a 18 de Dezembro de 2009)

Rede ex aequo, <http://www.rea.pt/> (início da pesquisa a 29 de Outubro de 2009)

Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas.



SHVOONG, “O Associativismo: Conceitos, Princípios e Tipologias”,
[http://pt.shvoong.com/social-sciences/1658411-associativismo-conceitos-principios-
tipologias/](http://pt.shvoong.com/social-sciences/1658411-associativismo-conceitos-principios-tipologias/) (Pesquisa a 29 de Outubro de 2009)



ANEXOS



Anexo 1

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS ORADORES DA PALESTRA

1. Quando se propuseram à divulgação deste projecto em várias palestras, sentiram por parte da plateia algum tipo de constrangimento?
2. Ao longo das sessões de debate têm encontrado reacções negativas aos temas em discussão?
3. Se sim, como interpretam essas reacções?
4. A realização deste tipo de palestras e debates tem atingido as expectativas pretendidas em geral?
5. Tem existido a aderência e convite por parte das instituições educacionais para o desenvolvimento destes temas sobre a homossexualidade?
6. Sentem que tem havido alguma evolução social das atitudes perante a homossexualidade?
7. Na vossa opinião qual dos sexos tende a ser melhor aceite na sociedade, gays ou lésbicas? Qual o motivo que leva a tal facto?
8. Ao longo do nosso projecto tentamos contactar com algumas redes locais do interior, as quais descobrimos que estão ou inactivas ou à espera de colaboradores para cargos na direcção. Deste modo porque motivo as sedes mais pequenas se encontram a extinguir?
9. Tendo em conta que os objectivos destes debates visam criar espaços de comunicação entre a juventude LGBT e a juventude não-LGBT diminuindo a

Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas.



discriminação e preconceito contra os homossexuais, nas suas opiniões acham que têm conseguido estes efeitos?

10. Para além deste projecto das palestras em instituições educacionais já desenvolvido, planeiam algum novo inserido neste âmbito?



Anexo 2

Nº

Inquiridor:



Questionário para membros da rede ex aequo

Este questionário faz parte de um projecto de investigação sobre o tema, *Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo: Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas*, sendo este o projecto final de 3º ano de licenciatura do Curso de Sociologia.

Garantimos a total confidencialidade das informações recolhidas que vão ser agrupadas e tratadas estatisticamente, destinando-se exclusivamente ao fim a que nos propusemos.

Solicitamos a sua colaboração na resposta às seguintes questões. Por favor responda com sinceridade.

Obrigada pela colaboração

I - Dados Sociográficos

1. Qual a tua identidade de género?

Masculino Feminino

2. Qual a tua idade?



3. Qual a tua profissão actual? (descreve de forma clara e o mais detalhada possível para posterior enquadramento na Classificação Nacional de Profissões)

4. Qual o grau de escolaridade que completaste?

Ensino primário

Ensino básico do 2º Ciclo

Ensino básico do 3º Ciclo

Ensino secundário

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

II - rede ex aequo

1. Como conhecestes esta rede? (conta-nos a história de como entraste em contacto com a rede ex aequo)

2. Desde quando começaste a frequentar as actividades da rede? (Se possível indica-nos o mês e ano)



3. Qual a tua opinião sobre as actividades desenvolvidas?

4. A rede ex aequo teve ou tem algum tipo de influência na tua vida.

Sim Não

4.1. Se sim, qual?

5. Das várias associações homossexuais existentes porque motivo escolhes-te a rede ex aequo?

III – Orientação Sexual em Contactos Sociais

1. Actualmente já assumis-te a tua orientação sexual perante os outros?

Sim Não

1.1. Dos seguintes grupos, indica perante os quais a tua orientação foi assumida.

Família próxima (Pais, Irmãos...)



- Família extensa (Avós, Tios, Primos...)
 - Amigos
 - Colegas de trabalho
 - Contactos informais (conhecidos e pessoas com quem contacta esporadicamente)
 - Associações homossexuais
2. A tua inserção nesta rede provocou algum comportamento diferente para contigo por parte do meio social a que pertences?

Sim Não

2.1. Se sim, em que medida? (por favor, descreve uma situação)

3. Indica 5 adjectivos que a teu entender sejam característicos da sociedade portuguesa relativamente à homossexualidade.

IV – Percurso de Vida

1. Com que idade descobris-te que a tua orientação sexual não era heterossexual?



2. Já alguma vez sentiste-te pressionado em seguir a norma de ser heterossexual?

3. Houve necessidade em determinado momento de uma fase de experimentação para obteres certezas?

4. Em algum momento tiveste dúvidas em relação à tua orientação sexual?

Sim Não

4.1. Indica-nos quais a situações que suscitaram essas dúvidas.

5. Desde que descobriste a tua orientação sexual quanto tempo levaste até te aceites?

5.1. Ao aceites-te como homossexual decidiste “sair do armário” e assumir-te perante os outros?

Sim Não



5.2. Se respondes-te sim, descreve de forma sucinta as reacções que presenciaste na tua fase de afirmação.

6. No seguinte quadro assinala a opção com que te identificas.

Questões	Sim	Não
A – Tiveste relações sexuais Heterossexuais antes da tua descoberta Homossexual?		
B – Actualmente tens alguma relação afectiva?		
C – Já foste casado?		
D – Tens filhos?		
E – Após a tua descoberta tiveste alguma relação sexual Heterossexual?		
F – O teu parceiro(a) sexual partilha da tua orientação sexual?		

7. De acordo com as tuas experiências, qual dos sexos tende a ser melhor aceite na sociedade?

Lésbicas

Gays

7.1. Qual o motivo da tua escolha na questão anterior?

Relações Amorosas entre indivíduos do mesmo sexo:
Diferenças e Semelhanças na Aceitação Social de Gays e Lésbicas.



8. Como classificas a cidade onde vives relativamente à aceitação social da homossexualidade?



V – Temas Fracturantes

Relativamente aos temas fracturantes em voga, posiciona-te na seguinte tabela seguindo o grau de concordância. Seguidamente apresenta para cada uma das questões um motivo que justifique a razão da tua escolha.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Devido a comportamentos de risco não é permitido a doação de sangue por parte dos gays.				
2. A SIDA é a doença dos homossexuais.				
3. As crianças devem ter um pai e mãe e não dois pais ou duas mães.				
4. Em caso de referendo o casamento homossexual não seria aceite.				
5. A família é o núcleo principal para a afirmação do homossexual.				

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____
